

*Clássicos da Literatura Brasileira*  
**Amor por Anexins e  
Outros Contos**

Artur Azevedo

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Amor por Anexins e Outros Contos

Artur Azevedo

# Amor por Anexins e Outros Contos

Artur Azevedo

## Ilustrações

Eduardo Schloesser

## Editor

Lécio Cordeiro

## Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

## Direção de arte

Wilton Carvalho

## Diagramação

Roseane R. Nascimento

## Coordenação Editorial



## Direitos reservados à Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3a Queiroz, Malthus de, 1976-  
Amor por anexis e outros contos / Artur Azevedo ;  
adaptação Malthus de Queiroz ; ilustrações Eduardo  
Schloesser. – Recife : Prazer de Ler, 2013.  
112p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. TEATRO BRASILEIRO – PERNAMBUCO. I.  
Azevedo, Artur, 1855-1908. II. Schloesser, Eduardo,  
1962-. III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 13-326

CDU 869.0(81)-2  
CDD B869.2

ISBN: 978-85-8168-255-6

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram  
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

# Amor por Anexins e Outros Contos

# Amor por anexins

Artur Azevedo

## **Entreato cômico**

Esta farsa, ou entreato, ou que melhor nome tenha em juízo, o meu primeiro trabalho teatral, foi escrita há mais de sete anos, no Maranhão, para as meninas Riosa, que a representaram em quase todo o Brasil e até em Portugal. Colocou-a em música e em boa música, Leocádio Raiol; mas ultimamente representaram-na sem música Helena Cavalier e Silva Pereira: desencaminhara-se a partitura. Tem agora nova música, e não inferior, de Carlos Cavalier.

## Personagens

ISAÍAS, solteirão

INÊS, viúva

Um carteiro

A cena se passa no Rio de Janeiro. Época: atualidade.

## Ato Único

Sala simples, janela à esquerda, portas ao fundo e à direita. Mesa à esquerda com preparos de costura. Num dos cantos da sala, uma talha d'água. Cadeiras.

## Cena I

(Inês)

Inês (Cose sentada à mesa e olha para a rua, pela janela.) – Lá está parado à esquina o homem dos anexins<sup>1</sup>! Não sei como me ver livre de semelhante aborrecimento. Ora eu, uma viúva, e, de mais a mais, com promessa de casamento, havia de aceitar para marido aquele velho! Não vê! E ninguém o tira dali! Isto até dá que falar à vizinhança... (Desce à boca de cena.)

### Copla<sup>2</sup>

Eu, que gosto, perdido  
Tenho casamentos mil,  
Com mais de um belo marido,  
Charmoso, rico e gentil,  
De um velho agora a proposta,  
Meu Deus! Devia aceitar?  
Além do mais um velho que gosta  
De assim tão ridículo andar!  
Nada! Nada!  
Não me agrada!  
Quero um marido melhor!  
É bem mau não ser casada,  
Mas malcasada é pior.

<sup>1</sup> Provérbios.

<sup>2</sup> Poesia recitada com acompanhamento musical.

Ainda hoje escreveu-me uma cartinha, a terceira em que me fala de amor, e a segunda em que me pede em casamento. (Tira uma carta do bolso.) Ela aqui está. (Lê.) “Minha bela senhora. Espero que estas duas linhas encontrem-na no gozo da mais perfeita saúde. Eu vou indo como Deus é servido. Antes assim que amortalhado. Venho pedi-la em casamento pela segunda vez. Ruim é quem ruim conta de si tem, e eu que não me tenho nessa conta. Jamais senti por outra o que sinto pela senhora; mas uma vez é a primeira.” (Declamando.) Quantos anexins! Pois é o mesmo homem a falar! (Continua lendo.) “Tenho uns cobres a render; são poucos, é verdade, mas de hora em hora Deus melhora, e mais tem Deus para dar do que o diabo para levar. Não devo nada a ninguém, e quem não deve não teme. Tenho boa casa e boa mesa, e onde come um comem dois. Irei saber da resposta hoje mesmo. Todo seu, Isaías.” (Guardando a carta.) Está bem encaminhado, Senhor Isaías! Vou às compras; é um excelente meio de me ver livre de você e de seus anexins. Vou preparar-me. (Sai pela porta da direita. Pausa.)

## Cena II

(Isaías)

ISAÍAS (Deita com precaução a cabeça pela porta do fundo.) – Porta aberta, o justo peca.

(Avançando na ponta dos pés.) — A ocasião faz o ladrão. Preciso estudar o gênio desta mulher: antes do casamento, melhor ter conhecimento. Dois gênios iguais não fazem liga; se a pequena não é do jeito que imagino, para cá vem de carrinho. É preciso olhar para o futuro: quem para adiante não olha atrás fica; quem cospe para o ar cai-lhe na cara, e quem boa cama faz nela se deita. Resolvi casar-me, mas bem sei que casar não é casaca. Alguém dirá que resolvi um pouco tarde, porém, mais vale tarde que nunca. Deus ajuda a quem madruga, é verdade; mas nem por muito madrugar se amanhece mais cedo. Procurei uma mulher como quem procura ouro. Infeliz até ali! Vi-as a dar



com um pau: bonitas, que era um louvar a Deus de gatinhas; mas... nem tudo o que luz é ouro; feias também que era um Deus nos acuda; mas muitas vezes donde não se espera daí é que vem. Quem insiste mata caça, dizia com meus botões, e não foi nada, que enquanto o diabo esfrega um olho, cá a dona encheu-me... o olho. Pois olhem que não me passou camarão pela malha... Esta é viúva e costureira... Estou caidinho, e creio que estou servido. Quem já deu não tem para dar, é certo; mas, ora adeus! Quem muito quer muito perde. Já tomei informações a seu respeito: foram as melhores possíveis; mas, como o saber não ocupa lugar, e mais vale um tolo no seu que um avisado no alheio, observei-a. Eu sou como São Tomé: ver para crer. Vi-a andar sempre sozinha... e nada de graça! Dize-me com quem andas, e eu te direi as manhas que tens. (Examinando a casa.) Boa dona de casa parece ser! Limpeza e simplicidade. Pelo dedo se conhece o gigante. Há de ser o que Deus quiser: o casamento e a mortalha no céu se talham. (Reparando.) Ai, que ela aí vem! (Perfilando-se.) Coragem, Isaías! Lembra-te de que um homem... (Atrapalhando-se.) é um gato e um bicho é um homem! Disse besteira...

## Cena III

(Isaías e Inês)

INÊS (Vem pronta para sair, ao ver Isaías, assusta-se e quer fugir.) – Ai!

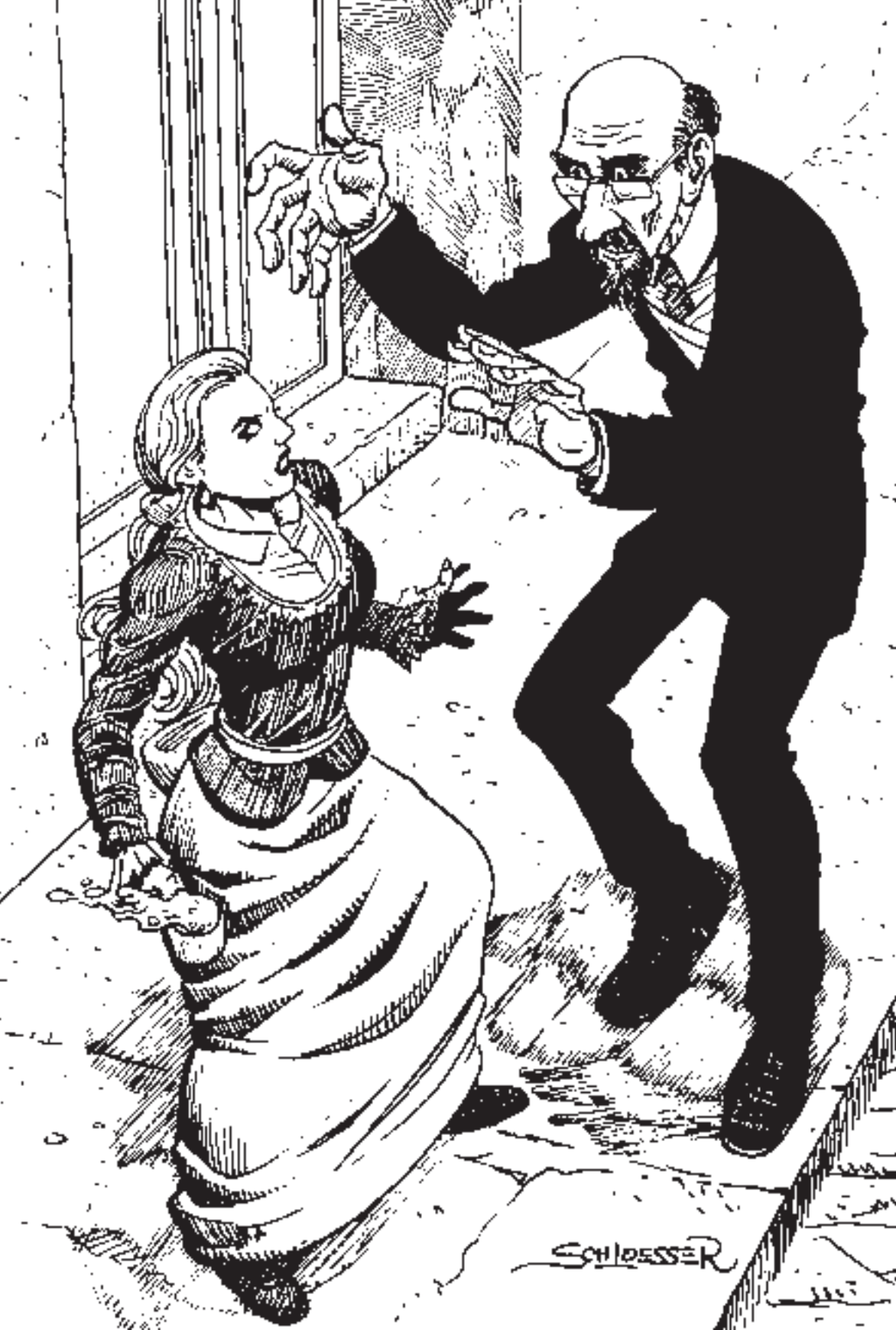
ISAÍAS (Colocando-se na passagem.) – Ninguém deve correr sem ver de quê.

INÊS – Que quer o senhor aqui?

ISAÍAS – Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...

INÊS (Interrompendo-o.) – Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!

ISAÍAS – Não há carta sem resposta...



INÊS (Correndo à talha<sup>3</sup> e trazendo uma caneca cheia d'água) – Saia, se não...

ISAÍAS (Impassível.) – Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não vou sair molhado à rua. Eh! Eh! Foi buscar lã e saiu tosquiada...

INÊS – Eu grito!

ISAÍAS – Não faça tal! Não seja tola, não exponha a sua boa reputação! Veja que sou um rapaz; a um rapaz nada fica mal...

INÊS – O senhor, um rapaz?! O senhor é um velho muito idiota e muito impertinente!

ISAÍAS – O diabo não é tão feio como se pinta...

INÊS – É feio, é!...

ISAÍAS – Quem o feio ama bonito lhe parece.

INÊS – Amá-lo eu?! Nunca...

ISAÍAS – Ninguém diga: desta água não beberei...

INÊS – É abominável! Irra!

ISAÍAS – Água mole em pedra dura, tanto dá...

INÊS – Repugnante!

ISAÍAS – Quem espera sempre alcança.

INÊS – Desengane-se!

ISAÍAS – O futuro a Deus pertence!

INÊS – Há alguém que gosta muito de mim...

ISAÍAS – Esse alguém (Naturalmente.) sou eu.

INÊS – Isso era o que faltava! (Suspirando.) Esse alguém...

ISAÍAS – Quem conta um conto, acrescenta um ponto...

INÊS – Esse alguém é um moço, tão bonito... de tão boas qualidades...

ISAÍAS – Quem elogia a noiva...

INÊS – O senhor forma com ele um verdadeiro contraste.

ISAÍAS – Quem desdenha quer comprar...

INÊS – Comprar! Um homem tão feio!...

ISAÍAS – Feio no corpo, bonito na alma.

INÊS (Sentando-se.) – Deus me livre de semelhante marido!

ISAÍAS – Presunção e água benta cada qual toma a que quer... (Senta-se também.)

INÊS (Erguendo-se.) – Ah, o senhor senta-se? Resolve ficar! Meu Deus, isto foi um mal que me entrou pela porta!

ISAÍAS (Sempre impassível.) – Há males que vêm para bem.

INÊS – Está travada.

<sup>3</sup> Recipiente usado para guardar água.

ISAÍAS – Venha sentar-se a meu lado. (Vendo que Inês **sentase** longe dele.) Se não quiser, vou eu... (Coloca-se a aproximar a cadeira.)

INÊS – Pois sim! Não se incomode! (Faz a sua vontade.) Não há remédio!

ISAÍAS (Aproximando mais a cadeira.) – O que não tem remédio remediado está.

INÊS (Afastando a sua.) – O que mais deseja?

ISAÍAS – Diga-me cá: o seu noivo?... (Faz uma cara para ela.)

INÊS – Não entendo.

ISAÍAS – Para bom entendedor meia palavra basta...

Inês – Mas o senhor nem meia palavra disse!

ISAÍAS – Pergunto se... fala francês...

INÊS – Como?

ISAÍAS – Ora bolas! Quem é surdo não conversa!

INÊS – Mas pra quê essa pergunta?

ISAÍAS (Naturalmente.) – Quem pergunta quer saber.

INÊS – Ora!

ISAÍAS (Sentencioso.) – Dois sacos vazios não se podem ficar de pé.

INÊS – Essa teoria parece-se muito com o senhor.

ISAÍAS – Por quê?

INÊS – Porque já caducou também.

ISAÍAS (Formalizado.) – Então eu já caduquei, menina? Isso é mentira.

INÊS – É verdade.

ISAÍAS – Não é.

INÊS – É.

ISAÍAS – Pois se é, nem todas as verdades se dizem. (**Ergue-se** e passeia.)

INÊS – Ah! O senhor se zanga? É porque quer; não me viesse dizer tolices! (Ergue-se.)

ISAÍAS (Interrompendo o seu passeio, solenemente.) – Na casa em que não há pão, todos falam, ninguém tem razão.

INÊS – Ora! Somos ainda muito moços!

ISAÍAS – Quem? Nós?

INÊS (De mau humor.) – Não falo do senhor: falo dele...

ISAÍAS – Ah! Fala dele...

INÊS – Havemos de trabalhar um para o outro...

ISAÍAS – É bom, é: Deus ajuda a quem trabalha.

**Canto**

INÊS – Sem desgosto viveremos,

Seremos ricos, talvez;

Muitos morgados<sup>4</sup> teremos...

ISAÍAS – Mas um só de cada vez...

(Zangado.) A faceira

Talvez convidar-me queira

Para padrinho de algum!

INÊS – E não suponha que, apesar de pobre, não me traga bonitos presentes o meu noivo.

ISAÍAS – É! Quem não tem cabras e cabritos...

INÊS – Insulta-o?

ISAÍAS – Ora, senhora, pois eu havia de insultá-lo?

INÊS – Se estivesse calado...

ISAÍAS – Sim, senhora: em boca fechada não entram mosquitos... mas é que o seu futurozinho me interessa...

INÊS – Muito obrigada. (Senta-se.)

ISAÍAS – Não há de quê. Se bem que eu não seja nenhum Matusalém<sup>5</sup>, estou no caso de lhe dar conselhos. Ouça-me; quem me avisa meu amigo é; quem à boa árvore se chega, boa sombra tem.

INÊS – Exatamente por já estar no caso de me dar conselhos é que o não quero para marido.

ISAÍAS – Se eu fosse jovem, não havia de me aceitar, por estar no caso de os receber. Preso por ter cão e preso por não ter!...

INÊS – Não desejo enviivar de novo...

ISAÍAS – Vaso ruim não quebra...

INÊS – Desengana-se, senhor: não são os seus ditados que me farão mudar de decisão! (Passeia.) Oh!

ISAÍAS (Acompanhando-a.) – Talvez façam, talvez!... Devagar se vai ao longe... muito tolo é quem se cansa... (Inês **volta-se**; param defronte um do outro.) Menina, antes só do que mal acompanhado... Olhe que o pior cego é aquele que não quer ver...

INÊS (À parte.) – Vou pregar-lhe uma peça. (Alto.) Mas, se me faltasse esse noivo, há outros rapazes que me têm oferecido namoro.

<sup>4</sup> Muitos bens.

<sup>5</sup> Não seja nenhum velho

ISAÍAS – Águas passadas não movem moinhos!  
INÊS – E entre eles...  
ISAÍAS – O passado! Passado!  
INÊS – Não me interrompa!... E entre eles há um ricaço que em outro tempo...  
ISAÍAS – O tempo que vai não volta!  
INÊS – Não me interrompa, já disse! E entre eles há um ricaço que noutra tempo se esqueceu da promessa...  
ISAÍAS – O prometido é devido!  
INÊS – Ai, mau!... se esqueceu da promessa que me havia feito; mas que está outra vez caidinho...  
ISAÍAS – Cesteiro que faz um cesto faz um cento... (Movimento de Inês. Com força.) Se tiver peça e tempo! E quem é esse... ricaço?  
INÊS – É segredo.  
ISAÍAS – Segredo em boca de mulher é manteiga em nariz... (A um gesto de Inês.) de homem! Mas faz bem, faz bem: o segredo é a alma do negócio...  
INÊS – O senhor tem na cabeça um moinho de adágios<sup>6</sup> !  
Passa!...  
ISAÍAS – O que é demais não prejudica.  
INÊS – Bem! Para maçadas, basta. Mude-se!  
ISAÍAS – Os incomodados é que se mudam.  
INÊS – Mas eu estou em minha casa, senhor!  
ISAÍAS – Descobriu mel de pau!  
INÊS – Irra! Que homem sem-vergonha!  
ISAÍAS (Examinando cinicamente a costura.) – Quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.  
INÊS – Se o meu noivo o visse aqui! Ele, que jurou dar cabo do primeiro rival que...  
ISAÍAS – Cão que ladra não morde. E eu sou homem!... tenho força... E contra a força não há resistência!...  
INÊS (Irônica.) – Ora, por favor, não faça mal ao pobre moço, sim?  
ISAÍAS – Faço!... Quem o seu inimigo poupa às mãos lhe morre. Julga que não estou falando sério? Uma coisa é ver a outra...  
INÊS (No mesmo.) – Ora não faça tal.  
ISAÍAS – Faço! Isto tão certo como dois e três serem cinco.

<sup>6</sup> Ditados; provérbios.

Amor por Anexins e Outros Contos

É coisa curta!. Quem não quiser ser lobo não vista a pele!

INÊS – Mas sabe que ele é valente?

ISAÍAS – Também eu sou! Cá e lá más fadas há! Duro com duro não faz bom muro, e dois bicudos não se beijam!

INÊS – Ponha-se na rua, preciso sair; tenho que fazer lá fora.

ISAÍAS – E eu tenho que fazer aqui dentro. Um dia bom mete-se em casa. (Pausa.) Olhe, senhora, olhe bem para mim; acha-me feio; não acha?

INÊS – Ai, ai, ai!...

ISAÍAS – Eu também acho, e feliz é o doente que se conhece. Mas muitas vezes as aparências enganam, e o hábito não faz o monge. Experimente e verá. (Suplicante.) Case comigo.

INÊS – Meu Deus!

ISAÍAS – Ah! Se fôssemos casadinhos, outro galo cantaria! Por exemplo: em vez de sair agora à rua, com este sol de matar passarinho, mandava-me a mim, ao seu maridinho...

INÊS (Imitando-o.) – Ao seu maridinho... (À parte.) Oh! Que **ideia!** Vou me ver livre dele. (Alto.) Então, sem sermos casados, não pode prestar-me um pequeno serviço?

ISAÍAS – Dependendo do serviço: ponha os pontos nos is.

INÊS – Se me fosse comprar três metros de tecido. Olhe... Aqui tem a amostra... No armarinho do Godinho. Sabe onde é?

ISAÍAS – Sei; mesmo que não soubesse? Quem tem boca vaia Roma.

INÊS – Está contrariado?

ISAÍAS – O que vai por gosto alegre a vida.

INÊS – Tome o dinheiro.

ISAÍAS – Nada... não é preciso... (Vai saindo e **para**.) Diabo! Não me lembro um ditado a propósito! (Sai.)

## Cena IV

(Inês)

INÊS – Está bem arranjado... Quando voltares, vais achar a porta fechada. Vai! Que aborrecido! Agora, tratemos de sair: são mais que horas. (Aparece à porta um carteiro.)





## Cena V

(Inês, o carteiro)

O CARTEIRO – Boa tarde, minha senhora.

INÊS – Boa tarde. O que deseja?

O CARTEIRO – Aqui tem esta carta... é da caixa urbana...

INÊS – Uma carta? (Recebendo a carta, consigo.) De quem será? (Ao carteiro.) Obrigada.

O CARTEIRO – Não há de quê, minha senhora. Passe muito bem!

INÊS – Adeus. (O carteiro sai.)

## Cena VI

(Inês)

INÊS – Ah! A letra é de Filipe. Faz bem em escrever-me o ingrato! Há doze dias que nos não vemos... (Abre a carta e lê. Jogo de fisionomia.) “Inês. Peço-te perdão por te fazer perderes o teu tempo comigo. Ofereceram-me um casamento vantajoso, e não soube recusar. Ainda uma vez perdão! Falta-me o ânimo para dizer-te mais alguma coisa. Dentro em uma semana estarei casado. Esquece-te de mim – Filipe.” (Declamando.) Será possível! Oh! Meu Deus! (Relendo.) Sim... aqui está... é a sua letra... (Depois de ter ficado pensativa um momento.) Ora, adeus. Eu também não gostava dele lá essas coisas... Digo mais, antes o Isaías; é mais velho, mais sensato, tem dinheiro a render, e Filipe acaba de me provar que o dinheiro é tudo nestes tempos. Espero aqui o Isaías com o meu “sim” perfeitamente engatilhado! Oh! O dinheiro...

### **Recitativo**

Louro dinheiro, soberano esplêndido,  
Força, Direito, Rei dos reis, Razão.

Que ao trono teu auriluzente e fúlgido<sup>7</sup>  
Meus pobres hinos proclamar-te vão.  
Do teu poder universal, enérgico,  
Ninguém se atreve a duvidar! Ninguém!  
Rígida mola desta imensa máquina,  
Fácil conduto para o eterno bem!  
Aos teus acenos, Deus antigo e déspota<sup>8</sup>,  
Aos teus acenos, Deus moderno e bom,  
Caem virtudes e se exaltam vícios!  
Todos te desejam, precioso Dom!  
Inda hás de ser o derradeiro ídolo,  
Inda hás de ser a só religião,  
Louro dinheiro, soberano esplêndido,  
Força, Dinheiro, Rei dos reis, Razão!...

## Cena VII

(Inês, Isaías)

ISAÍAS (Entrando.) – Quem canta seus males espanta.  
INÊS – Já de volta! O senhor foi correndo!  
ISAÍAS – Nada! Quem corre cansa. Encontrei outro arma-  
rinho mais perto...  
INÊS (Tomando a fazenda.) – Muito obrigada. Quanto  
custou?  
ISAÍAS – Um pau por um olho. Mil e duzentos o metro...  
INÊS – Pois olhe: o outro vende mais barato.  
ISAÍAS – O barato sai caro, e mais vale um gosto do que  
quatro vinténs.  
INÊS – Pediu desconto?  
ISAÍAS – Pedir desconto! Para quê? Mais tem Deus para dar  
do que o diabo para tomar.  
INÊS – Já vejo que é tão pródigo de dinheiro como de  
anexins!

<sup>7</sup> Auriluzente: que reluz como ouro. Fúlgido: brilhante.

<sup>8</sup> Indivíduo que governa com poder absoluto.

Amor por Anexins e Outros Contos

ISAÍAS – Do dinheiro do sovina o diabo tem três tostões e dez réis. Poupado sim, sovina não. Eu sou assim! Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Tenho um só defeito: quero casar-me. Cada louco com sua manha.

**Canto**

Tenho sido um gato-sapato;  
Preciso do casamento!  
O maldito celibato<sup>9</sup>  
Não é viver, é tormento.  
Quero honesta rapariga<sup>10</sup>  
Entre as belas procurar,  
Muito embora o mundo diga:  
Quem já andou não tem pra andar...  
A existência de casado  
Talvez alegrias me traga,  
Se diz verdade o ditado:  
Amor com amor se paga.  
Se eu for constante e fervente,  
Ela tudo isso será;  
Se eu amá-la eternamente,  
Ela também me amará!  
Eu escravo e a esposa escrava,  
Viveremos sem desgosto;  
Uma mão a outra lava  
E ambas lavam o rosto!...

Faço-lhe pela milésima vez o meu pedido. Nem todos os dias há carne gorda. A senhora falou-me em um apaixonado. Por onde andaré ele? Eu estou aqui, e mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

INÊS (À parte.) – Levemos a coisa com jeito. (Alto.) O senhor... (Com uma **ideia**.) Ah!

ISAÍAS – Oh!

INÊS – Já viu representar As pragas do Capitão?

ISAÍAS – Não, senhora. De pragas ando eu farto.

INÊS – Era um militar que praguejava muito. A senhora que ele amava deu-lhe a mão de esposa, mas depois de estabelecer

<sup>9</sup> Solteirice.

<sup>10</sup> Feminino de rapaz. Moça; jovem mulher.

a condição de que ele não praguejasse durante meia hora.

ISAÍAS – Falo em alhos, a senhora responde com bugalhos!

INÊS – Já lá vamos aos alhos; aceito a sua proposta.

ISAÍAS (Impetuosamente.) – Aceita?

INÊS – Sim, senhor.

ISAÍAS (Incrédulo.) – Ora! Quando a esmola é muita, o pobre desconfia...

INÊS – Mas imponho também a minha condição...

ISAÍAS – Imponha: manda quem pode.

INÊS – Se conseguir levar meia hora sem...

ISAÍAS – Sem praguejar?...

INÊS – Não! Sem dizer um anexim! Se conseguir, é sua a minha mão.

ISAÍAS – Sério?

INÊS (Sentando-se.) – Sério.

ISAÍAS – Mas eu posso estar calado?

INÊS – Como assim?! Era o que faltava! Falará pelos cotovelos!

ISAÍAS – Isso é um pouco difícil: o costume faz lei...

INÊS – Ai, escapou-lhe um!

ISAÍAS – Pois o que quer? A continuação do cachimbo...

INÊS – Faz a boca torta; já duas vezes.

ISAÍAS – Nas três o diabo as fez.

INÊS – Ai, ai, ai! Vamos muito mal!

ISAÍAS – Mas não tínhamos ainda entrado em campo... Aqueles foram ditos de propósito. Agora sim! Agora é que são elas!

INÊS – Outro!

ISAÍAS – Protesto! “Agora é que são elas” nunca foi anexim. A César o que é de César!

INÊS – O senhor vai perder... Olhe: são duas horas. (Aponta para um relógio que deve estar sobre a mesa.) Aceita o desafio? (Pausa.) Bem. Quem cala consente...

ISAÍAS – Ah! Agora é a senhora quem os diz! Virou-se o feitiço contra o feiticeiro...

INÊS – Ai, ai!

ISAÍAS – Foi engano.

INÊS – Dos enganados comem os escrivães. (Pausa.) Então? Diga alguma coisa...

ISAÍAS – O que hei de dizer... senão... que gosto muito da senhora... e...

Amor por Anexins e Outros Contos

INÊS – Pois diga: vai tantas vezes o cântaro à fonte, que lá fica.

ISAÍAS – Não me provoque, senhora, não me provoque!

INÊS – Cada qual puxa a brasa para sua sardinha...

ISAÍAS (Agitado.) – Brasa! Sardinha! Oh! Que suplício!

INÊS – O que tem o senhor?

ISAÍAS – Nada... não tenho nada... é que esta proibição me incomoda... Este maldito costume... parece que não estou em mim...

INÊS – Sabe o que mais?

ISAÍAS – Vou saber.

INÊS – Diga o que quiser! Abra a torneira dos anexins, ditados, rifões, sentenças, adágios e provérbios... Fale, fale para aí?

ISAÍAS – E a condição?

INÊS – Caducou. (Dando-lhe a mão.) Aqui tem: sou sua.

ISAÍAS (Contente.) – Minha! (Em outro tom.) E os outros?

INÊS – Não existem, nunca existiram!

ISAÍAS – Pois estou acordado? Se estiver dormindo, **deixa-me** estar: não me acordes.

INÊS – Está bem acordado.

ISAÍAS – Estou?! (Pulando de contente.) Então viva Deus! Viva o prazer! ... Trá lá lá rá lá! (Quer abraçá-la.)

INÊS (Gritando.) – Alto lá! Mais amor e menor confiança!

ISAÍAS – É que o rato nunca comeu mel, quando come... (Outro tom.) Pode-se dizer este ditadozinho?...

INÊS – Quantos quiser!

ISAÍAS (Concluindo.) – ...se lambuza! (Tomando suas mãos.) E tu? Amas-me, meu bem?

INÊS – Sossegue: o amor virá depois. Seja bom marido e deixe o barco andar!

ISAÍAS – Apoiado. Roma não se fez num dia!

INÊS – E tenha sempre muita fé nos seus anexins.

ISAÍAS – É verdade: O que tem de ser tem muita força. O homem põe... e a mulher dispõe!...

INÊS – Basta! Despeça-se destes senhores, e vá tratar dos papéis...

ISAÍAS – Quem tem boca não manda... cantar. Mas, enfim... (Ao público.)

**Copla final**

Antes que daqui nos vamos,  
Inês vos dirá quais são  
Os votos que alimentamos  
No fundo do coração.  
Inês - Os votos que neste instante  
Fazemos nestes confins  
(Deita a mão sobre o coração.)  
É que nos ameis bastante  
Embora por anexins.  
Ambos- Muitas palmas esperamos  
De vós:  
Metade para o autor, metade para nós.  
(Cai o pano.)

FIM

# A pele do lobo

Artur Azevedo

Comédia em um ato  
A Antonio Fontoura Xavier

## Personagens

CARDOSO – subdelegado

AMÁLIA – sua mulher

APOLINÁRIO

PERDIGÃO

JERÔNIMO

MANUEL MARIA

VITORINO

O COMPADRE

UMA PARTE<sup>11</sup>

Dois soldados da polícia

A cena passa-se no Rio de Janeiro. Atualidade.

## Ato Único

(Sala, secretária, relógio de mesa etc. etc.)

<sup>11</sup> Pessoa envolvida em processo judicial, como autor, réu etc.

SCHLOSSER





# Cena I

(Cardoso, Amália, vestidos para a cerimônia e prontos para sair. Uma parte, que logo sai, à porta do fundo.)

CARDOSO – Sim, senhor; sim, senhor! Pode ir com Deus. Descanse, que hoje mesmo serão dadas as providências que o caso exige.

PARTE – Às ordens de Vossa Senhoria. (Retira-se.)

CARDOSO – Vai!

AMÁLIA (Erguendo-se.) – Vão te deixar desta vez?

CARDOSO – E metam-se!

AMÁLIA – Hein?

CARDOSO – E metam-se a servir o país!

AMÁLIA – Para que aceitaste esta maldita subdelegacia?

CARDOSO (Ainda passeando.) – Eu não aceitei: pedi. Mas já tenho dito um milhão de vezes que os serviços prestados ao país e ao partido pesam muito no ânimo daqueles que podem me fazer galgar mais um degrau na escala social.

AMÁLIA – Deixa-te disso, Cardoso; um degrau dessa tão falada escala social não vale o sacrifício que te custa essa autoridade de ca-ca-ra-cá. São uns desfrutadores, eis o que são! Hás de ser pago com um pontapé. Verás!

CARDOSO – Hei de ser promovido na primeira vaga que aparecer. O Cantidiano está por pouco a bater a bota. Verás se o lugar é ou não é meu!

AMÁLIA – Confia na Virgem e não corras.

CARDOSO – E uma vez que aceitei o cargo...

AMÁLIA – A carga, deves dizer.

CARDOSO – Venha com ele o sacrifício. Antes de tudo o dever!

AMÁLIA – Estamos prontos para sair há duas horas.

CARDOSO (Consultando o relógio de mesa.) – Há duas horas e dois minutos.

AMÁLIA (Embonecendo-se ao espelho.) – Creio que não chegamos a tempo para o batizado.

CARDOSO – Que remédio terão eles, senão esperar pelos padrinhos?

AMÁLIA – E o carro na porta há tanto tempo?

CARDOSO – Anda com isso, anda com isso! E metam-se!

AMÁLIA – Hein?

CARDOSO – E metam-se a servir o país!

AMÁLIA – Vamos. Não percamos mais tempo.

CARDOSO – Vamos. (Vão saindo. Batem palmas.)

AMBOS – Bateram.

CARDOSO – Quem é?

APOLINÁRIO (Fora.) – Sou eu.

AMÁLIA – Eu quem?

APOLINÁRIO (No mesmo.) – Um criado de Vossa Senhoria.

CARDOSO – Entre quem é.

(Entra Apolinário. Pisa macio e fala descansado.)

## Cena II

(Os mesmos e Apolinário)

APOLINÁRIO (À porta do fundo.) – Dá licença, senhor subdelegado?

CARDOSO – Entre, senhor. (Vai outra vez pôr o chapéu na secretária.)

APOLINÁRIO (Entrando e sentando-se em uma cadeira que deve estar no meio da cena.) – Não se incomode Vossa Senhoria. Estou muito bem. Vossa Senhoria, como tem passado?

CARDOSO – Bem, obrigado. O que pretende o senhor?

APOLINÁRIO – Sua senhora tem passado bem, senhor subdelegado?

AMÁLIA – Bem, obrigada. O senhor, o que pretende?

APOLINÁRIO – Ah! estava aí, minha senhora? Os meninos estão bons?

AMÁLIA – Que meninos, senhor?

APOLINÁRIO – Os seus filhos, minha senhora.

AMÁLIA – Não os tenho. E esta!

APOLINÁRIO – Pois levante as mãos pra o céu e dê graças a Nosso Senhor Jesus Cristo! (Sinais de impaciência em Cardoso)

e Amália.) Eu tenho três, três! Todos três machos, felizmente. Mas que consumição! Que canseira! Quando não está um doente, está outro; quando não está outro, está outro; quando não está nenhum, está a mãe; quando não está a mãe, está o pai. Às vezes estão filhos e pais, todos doentes. É preciso chamar a vizinha para dar-nos qualquer coisa. É uma certeza, minha rica senhora! Peça a Deus que lhe não dê filhos. Olhe... (Mostra a cabeça.) Não vê?

AMÁLIA – O quê? o quê?

APOLINÁRIO – Já estou pintando... Ainda anteontem... Anteontem não... Quando foi, Apolinário? Segunda... terça... Foi anteontem mesmo... Eu tinha acabado de tomar o meu banhinho e de ouvir minha missinha...

CARDOSO (Interrompe-o.) – Meu caro senhor, tomo a liberdade de preveni-lo que temos muita pressa e não podemos perder tempo. Íamos saindo justamente quando o senhor entrou...

APOLINÁRIO (Erguendo-se.) – Nesse caso, senhor doutor...

CARDOSO – Perdão, não sou doutor.

APOLINÁRIO – Fica para outro dia... Eu vinha dar minha queixa, mas... (Cumprimenta.) Senhor doutor... minha senhora... (Vai saindo.)

CARDOSO – Venha cá, senhor: já agora diga o que pretende.

APOLINÁRIO (Voltando-se e preparando-se como para um discurso, com força.) – Senhor subdelegado...

CARDOSO – Não é preciso gritar tanto...

APOLINÁRIO – Esta noite fui roubado.

CARDOSO – Diga.

APOLINÁRIO – Dezoito cabeças de criação... dezoito ou dezenove... Ontem estive em nossa casa um cunhado meu, irmão de minha mulher, empregado no Arsenal de Guerra, e não tenho certeza de que ele levasse alguma galinha consigo, mas creio que não. Em todo caso, foram dezoito ou dezenove cabeças, não falando em um bonito galo de crista, que comprei no mercado, não há quinze dias.

CARDOSO – Muito bem. O senhor chama-se...

APOLINÁRIO – Apolinário, um criado de Vossa Senhoria.

CARDOSO – Apolinário de quê?

APOLINÁRIO – Apolinário da Rocha Reis Paraguaçu. (Dando um cartão.) Olhe, aqui tem Vossa Senhoria meu nome e morada.

CARDOSO – Bem; pode ir descansado, que serão dadas as providências que o caso exige.

APOLINÁRIO (Preparando-se outra vez para um discurso e elevando muito a voz.) – Ainda não fica nisso, senhor doutor!

CARDOSO – Já tive ocasião de dizer-lhe, primeiro, que não é preciso gritar tanto; segundo, que não sou doutor.

APOLINÁRIO (Com a mesma inflexão, porém baixinho.) – Não fica nisso. Eu conheço o ladrão!

CARDOSO – E por que estava calado?

AMÁLIA (Não se podendo conter.) – Realmente, Senhor Paraguaçu!

APOLINÁRIO (Atarantado.) – Hein! (Falando com cada vez mais descanso.) Não conheço eu outra coisa! Chama-se Jerônimo de tal, um ilhéu, um vagabundo, que foi há tempo cocheiro de bondes e agora não sai da venda de seu Manuel Maria, ao qual dizem que vende por um precinho de amigo, o que... (Ação de furtar.) Vossa Senhoria sabe qual é a venda de seu Manuel Maria? É a que fica mesmo em frente à casa do meu cunhado, do mesmo que esteve ontem em nossa casa, e sobre o qual estou em dúvida se levou ou não alguma galinha. (A Amália.) Mas que bonito galinho, senhora! Vossa Senhoria dava oito mil-réis<sup>12</sup> por ele com os olhos fechados... Era branco, branquinho, como aqueles patinhos do Passeio Público. Uma crista vermelha! Que bonito galo!

CARDOSO – Vamos! Não temos tempo a perder! Faça o favor de sentar-se naquela mesa e dar a queixa por escrito.

APOLINÁRIO – De muito bom gosto, senhor doutor. (Obedece.)

CARDOSO – E o senhor!... Já lhe disse que não sou doutor.

APOLINÁRIO – Isso é modéstia de Vossa Senhoria.

AMÁLIA – Parece de propósito, Senhor Paraguaçu.

CARDOSO – Deixa para lá. (Vai para junto de Amália.) Que chato! E metam-se!

AMÁLIA – Não chegaremos a tempo.

APOLINÁRIO (À mesa.) – Esta pena está arreganhada, senhor subdelegado...

CARDOSO – Vou dar-lhe outra... vou dar-lhe outra...

AMÁLIA – Anda... Tem paciência... Acaba com isso. (Cardoso vai abrir a secretaria e mudar a pena da caneta.)

<sup>12</sup> Antiga moeda brasileira.

APOLINÁRIO – Muito obrigado! Que incômodo tem tomado Vossa Senhoria! Mas também não há quem diga de boca cheia: “Aquilo é que é um subdelegado! Zelo até ali... É o pai das partes!”.

CARDOSO – Faça o favor de escrever o que tem de escrever...

APOLINÁRIO – Às ordens de Vossa Senhoria. (Escreve.)

CARDOSO (Voltando para junto de Amália.) – Decididamente peço a demissão!

AMÁLIA – Isso já devias ter feito há muito tempo.

CARDOSO – Olha que é bem difícil suportar uma chatice assim... E metam-se!

AMÁLIA – Hein?

CARDOSO – E metam-se a servir o país!

AMÁLIA – Pede demissão, Cardoso, pede demissão.

APOLINÁRIO (Da mesa.) – Senhor subdelegado, faça o favor de me dizer o modo por que devo principiar este requerimento... Em matéria de polícia sou completamente leigo... Diga-me só o cabeçalho... O cabeçalho! o resto vai...

CARDOSO – Ai, Senhor Paraguaçu! O senhor é chato! Tenho estado a aturá-lo há meia hora!

AMÁLIA (Olhando o relógio.) – Há meia hora e sete minutos.

CARDOSO – Estamos muito apressados, meu caro senhor... não posso estar com isso...

APOLINÁRIO – Eu quis me retirar quando Vossa Senhoria disse que...

CARDOSO – Vamos lá! Escreva no alto — Ilustríssimo Senhor.

APOLINÁRIO – O Ilustríssimo Senhor — já aqui está.

CARDOSO – Bem (Ditando.) — “O abaixo assinado, morador nesta freguesia, à rua de tal, número tal...”

APOLINÁRIO (Escrevendo.) – ...número treze...

CARDOSO – “Queixa-se a Vossa Senhoria de que, ontem, às tantas horas da noite...”

APOLINÁRIO – “Queixa-se” é com x ou ch?

AMÁLIA – Ó, céus! (Rindo.)

CARDOSO – Como quiser! Não faço questão de ortografia.

APOLINÁRIO – Vai com ch. (Acabando.) ...“da noite”...

CARDOSO – Como está?! (Vendo.) Fulano de tal, tal, tal. Ah! (Ditando.) “Furtaram-lhe tantas galinhas...”

APOLINÁRIO (Escrevendo.) – ...“e um galo de crista”...

CARDOSO – “...as suspeitas de cujo furto faz recair em Fulano de Tal”. (Consultando o relógio.) E metam-se!

APOLINÁRIO (Escrevendo.) – “Fulano de tal, vulgo **Barriga-cheia.**” Pronto!

CARDOSO – Na outra linha: “Deus guarda a Vossa senhoria”.

APOLINÁRIO – ...“a Vossa Senhora”...

CARDOSO – Na outra linha: “Ilustríssimo Senhor Subdelegado de tal freguesia.”

APOLINÁRIO – Pronto.

CARDOSO – Assine.

APOLINÁRIO – ...“Apolinário da Rocha Reis Paraguaçu.” (Erguendo-se.) Pronto.

CARDOSO – Bem; agora pode ir descansado, que serão dadas as providências que o caso exige.

APOLINÁRIO – Com licença, senhor subdelegado... Às ordens de Vossa Senhoria...

CARDOSO – Passe bem.

APOLINÁRIO – Minha senhora...

AMÁLIA – Viva. (Volta-lhe as costas.)

APOLINÁRIO – Sem mais incômodo. (Saída falsa.)

CARDOSO – Vai-te!

AMÁLIA – Saíamos, saíamos quanto antes! pode vir outro... (Vão saindo.)

APOLINÁRIO (Voltando.) – Ia me esquecendo, senhor subdelegado...

CARDOSO – Outra vez!

AMÁLIA – Assustou-me até!

CARDOSO – O que mais deseja?

APOLINÁRIO – Hoje, logo depois do almoço, encontrei-me cara a cara com o tal Jerônimo!

CARDOSO – Que Jerônimo, senhor?

APOLINÁRIO – O Barriga-cheia, o tal que me furtou as galinhas...

CARDOSO – E o que tenho eu com isso, não me dirá?

APOLINÁRIO – Direi, sim, senhor. Com licença. (Desce à cena e senta-se.) Chamei-o de ladrão! Disse-lhe assim: “Você é um ladrão!” — Com licença da senhora...

AMÁLIA – E o que tem meu marido com isso?



APOLINÁRIO – É que o sujeito tomou três testemunhas e diz que vai me processar por crime de injúrias verbais.

CARDOSO – Mas, enfim, faz favor de me dizer para quê voltou cá?

APOLINÁRIO – Vim avisar a Vossa Senhoria de que...

CARDOSO – Vá avisar ao diabo que o carregue!

APOLINÁRIO (levantando-se.) – Senhor doutor.

CARDOSO (Gritando.) – Já lhe disse que não sou doutor!

APOLINÁRIO (Imitando-o) – Isso é modéstia de Vossa senhoria!

CARDOSO – Saia! Ponha-se na rua! Supõe o senhor que sirvo de juguete?

APOLINÁRIO – Mas Vossa Senhoria...

CARDOSO – Saia!

APOLINÁRIO – É que...

AMÁLIA – Oh! senhor, já é a terceira vez que se lhe diz — saia.

APOLINÁRIO – Minha senhora, eu... (Tornando a sentar-se, com todo o sossego.) Com licença...

AMÁLIA – Oh! isto é demais!

CARDOSO – Então, não ouve!

APOLINÁRIO – Quero me justificar!

CARDOSO (Ameaçador.) – Cuidado, Senhor Paraguaçu!

APOLINÁRIO – Bem, Vossa Senhoria está em sua casa: manda. (Levantando-se e cumprimentando.) Às ordens de Vossa Senhoria.

CARDOSO – Viva! Há mais tempo! (Passeia agitado.)

APOLINÁRIO – Minha senhora...

AMÁLIA – Passe bem. (Saída falsa de Apolinário.) Que inferno! que inferno! E metam-se!

APOLINÁRIO (Voltando.) – Acredite, senhor doutor, que eu não queria de forma alguma...

CARDOSO (Desesperado.) – Ah! ainda isso? (Agarra uma cadeira e levanta-a, correndo para Apolinário.)

AMÁLIA (Muito aflita.) – Ah! (Suspende o braço de Cardoso. Ficam todos numa posição dramática.)

APOLINÁRIO (Com todo o sangue frio.) – Tableau<sup>13</sup>. (Desaparece.)

<sup>13</sup> Confusão, conflito.



## Cena III

(Cardoso e Amália)

CARDOSO – Vês, Sinhá, vês como se põe um homem a perder?

AMÁLIA – Sim, sim, mas vamos, anda daí!

CARDOSO (Caindo na cadeira que tinha nas mãos.) – E que dor de cabeça fez-me este bruto!... E metam-se.

AMÁLIA – Hein?

CARDOSO – E metam-se a servir o país!

AMÁLIA – Espera... vou buscar a garrafinha de água-florida. (Sai e volta com a garrafinha.)

CARDOSO – Depressa... depressa, Sinhá! (Amália esfrega suas fronteiras com água-florida.) Bem... basta... está pronto... Ai! Que ferroadas! Deita a garrafinha em cima da mesa e vamos, vamos! (Amália deita a garrafinha sobre a mesa e vai dar o braço a seu marido.)

AMÁLIA – Vamos! (Saem e voltam.) Esqueci-me do leque. (Entra à direita baixa<sup>14</sup>.)

CARDOSO (Falando para dentro.) – Que demora, Sinhá, que demora! Vai acabar vindo alguém, verás! (Passeia.) Então não achas esse leque! Ai! minha cabeça! E metam-se! (Quebra-se alguma coisa dentro.) O que foi isso?! O que foi isso?! (Corre também para a direita baixa.)

AMÁLIA (Dentro.) – O meu frasco de água da Colônia!

CARDOSO (Dentro.) – Que pena!

AMÁLIA (Dentro.) – Ah! aqui está o leque! (Voltam à cena, de braço dado, e dirigem-se para a porta.)

CARDOSO – Já estou suando. (Procura nos bolsos.) Não tenho lenço.

AMÁLIA – Oh, que chatice! Quanto mais pressa, mais se vai devagar. (Sai correndo pela direita baixa.)

CARDOSO – E metam-se, hein! E metam-se a servir o país!

AMÁLIA (Voltando com um par de meias na mão.) – Toma, toma... Apre!<sup>15</sup> (Dá as meias a ele.)

<sup>14</sup> Parte direita do proscênio.

<sup>15</sup> Expressa aborrecimento.

CARDOSO – Isto é um par de meias, Sinhá! Estás metendo os pés pelas mãos! (Devolve-as para ela.)

AMÁLIA – Como está esta cabeça, meu Deus! (Sai e volta com um lenço.) Toma... Vamos... uf!

CARDOSO – Vamos! (Encaminham-se para a porta. Batem palmas.)

AMBOS – Ah!

CARDOSO (Fora de si.) – Não estou em casa!

JERÔNIMO (Aparecendo, de chapéu na cabeça.) – Licença para um...

## Cena IV

(Os mesmos e Jerônimo)

CARDOSO – Então é assim que se entra em casa alheia?

JERÔNIMO (Sombrio.) – Assim como? A casa da autoridade é uma repartição pública. (Deita no chão a cinza de um cachimbo; e escarra na parede.)

CARDOSO – E que tal?

AMÁLIA – Vê o que ele quer, Cardoso?

JERÔNIMO – Venho preveni-lo de que é falso o que lhe veio hoje dizer um tal Paraguaçu, acerca de um furto de galinhas. É provável que ele lhe dissesse que eu, Jerônimo Linhares, vulgo Barriga-cheia, sou o autor desse furto, como andou por aí dizendo a quem quis ouvi-lo. É falso! (Cospe outra vez na parede.)

AMÁLIA (Empurrando um escarrador com o pé.) – Faz favor de não cuspir no chão... Aqui tem o escarrador... (Jerônimo nem olha para Amália.)

CARDOSO – Era só isso? Estou ciente.

JERÔNIMO – Não, senhor; por isto só não vinha eu aqui, ora viva! Venho queixar-me do queixoso por crime de insultos verbais. Chamou-me de ladrão, e se quiser o mais, mande aquela mulher para dentro. (Cospe outra vez na parede.)

CARDOSO – Pois apresente a queixa e as testemunhas.

JERÔNIMO – A queixa aqui está. (Apresenta um papel sujo,

que Cardoso pega com repugnância. Vai à porta do fundo.) Ô, compadre! Ô, seu Manuel Maria! Ô, seu Vitorino? podem entrar... Nada de cerimônias!

CARDOSO (A Amália.) – O tratante dispõe desta casa como se fosse sua!

## Cena V

(Os mesmos, Manuel Maria, depois O Compadre, depois Vitorino)

MANUEL MARIA (Entrando.) – Aqui estou eu!

COMPADRE (Entrando.) – E eu...

VITORINO (Entrando.) – E eu...

AMÁLIA – Cardoso, diz a eles que venham em outro dia... (À parte.) Como cheiram a cachaça!

CARDOSO – Meus senhores, tenham a bondade de voltar amanhã.

JERÔNIMO – Aí vem o maldito sistema da demora e da papelada.

CARDOSO – Cala-te daí, insolente, que não tens autoridade para fazer considerações neste lugar... Apareçam terça-feira ou mesmo amanhã! Mas terça-feira é melhor, porque é o dia da audiência. Não posso estar agora com isto... Estamos prontos para sair há muito tempo!

AMÁLIA – Há três horas!

CARDOSO (Consultando o relógio.) – Há três horas e três minutos!

JERÔNIMO (Cuspindo na parede.) – Então, podiam ter dito logo! Não precisava a gente ficar aqui à espera! É isto sempre! A autoridade vai para a farra, e o povo que sofra!

CARDOSO – Insolente! Espera que te ensino! (Agarra numa cadeira que está perto da cômoda.)

AMÁLIA – Cardoso! O que vais fazer?!

JERÔNIMO – Ah! Então é isso? (Tira uma faca e corre atrás de Cardoso. Amália fecha-se no quarto. As três testemunhas

correm atrás de Jerônimo, para segurá-lo. Cardoso apita.)

MANUEL MARIA – O que é isto, seu Jerônimo?!

COMPADRE – Compadre, tenha juízo!

VITORINO – Não se ponha a perder!

(Cardoso continua apitando. Confusão.)

AMÁLIA (Grita de dentro.) – Aqui d’el-rei!<sup>16</sup>

## Cena VI

(Os mesmos e Dois Soldados)

SOLDADOS – O que é isto? o que é isto?... (Correm todos em redor da cena.)

CARDOSO – Prendam-no! prendam-no! (Jerônimo é afinal preso.) Levem-no! (Os soldados levam o preso. Saem também as testemunhas.)

## Cena VII

(Cardoso e depois Amália)

CARDOSO (Caindo muito cansado em uma cadeira.) – Uf!

AMÁLIA (Entrando.) – Feriu-te o maldito, feriu-te?

CARDOSO – Creio que não. (Apalpando-se.) Não feriu, não, Sinhá! Se não fossem os guardas que estavam na porta, a estas horas estavas viúva!

AMÁLIA – Credo! Viúva!

CARDOSO – Maldita subdelegacia! Maldita a hora em que aceitei semelhante cargo!

AMÁLIA – Como estás suando! Esta camisa é incapaz de aparecer no batizado...

<sup>16</sup> Expressão antiga usada para pedir ajuda. Pode ser lida como “Socorro!”.

SCHLOSSER



CARDOSO – É verdade! O batizado! Vou mudar de camisa...

AMÁLIA – Mas isso depressa... depressa! (Saída falsa de Cardoso.) Ó, Senhor Deus! Isto contado ninguém acredita! É bem feito, senhor meu marido, é bem feito! Quem não quiser ser lobo, não vista sua pele. (Rolo na rua. Apitos. Gritos. Pancadaria. Amália vai à janela.) Que vejo! Um bando de arruaceiros! Cardoso! Cardoso! Não demoram a entrar...

CARDOSO (Entra com a camisa de baixo e com o distintivo de subdelegado.) – O que é isto? (Espirra.) Atxim! Gripei... Atxim! O que é isto? Atxim! (Sai correndo pelo fundo.)

## Cena VIII

(Amália, depois Perdigão)

AMÁLIA – Meu Deus! Hoje parece ser o dia de São Bartolomeu! Se não anda o diabo solto na cidade, ao menos nesta freguesia.

PERDIGÃO (Entra apressado pelo fundo, vestido para a cerimônia.) – Ó, compadre! Ó, comadre!

AMÁLIA – Mais uma queixa!

PERDIGÃO – Deixe-se de queixas!

AMÁLIA – Meu marido não está... (Reparando.) Ah! é o compadre!

PERDIGÃO – Estamos até estas horas à espera do padrinho e nada!

AMÁLIA – Queixe-se da maldita subdelegacia, compadre! Estamos vestidos há três horas... (Consultando o relógio.) Há três horas e quinze minutos...

PERDIGÃO – Ora! Para que foi o compadre buscar sarna para se coçar...

AMÁLIA – O compadre não imagina! Quantas vezes, alta noite, está ele sossegado, dormindo, quando, de repente, é despertado pelas malditas partes...

PERDIGÃO – Realmente!

AMÁLIA (Indo à janela.) – Já está resolvido o rolo... (Voltando.) Hoje quase o matam!

PERDIGÃO (Dando um salto.) – A quem?

AMÁLIA – Ao Cardoso.

PERDIGÃO – Ah! Ele descia a escada com tanto entusiasmo! Ia só de camisa a e de distintivo... Olhem que figura! Espirrava, que era um Deus nos acuda! “Viva!” lhe disse eu; ele, porém, não me reconheceu, apesar de responder: “Dominus tecum”<sup>17</sup>, em vez de: “Obrigado!”

## Cena IX

(Os mesmos e Cardoso)

CARDOSO (Entra e cai espirrando em uma cadeira.) – Atxim!

PERDIGÃO – Viva!

CARDOSO – Dominus te... Quero dizer: Obrigado... Atxim! Ah! É o senhor, compadre? Desculpe.

PERDIGÃO – Já sei de tudo... Está mais que desculpado... Mas não perca tempo!

AMÁLIA – Sim, não percamos tempo!

CARDOSO – Vamos! (Ergue-se e coloca o chapéu.) – Estou pronto!

PERDIGÃO – Apenas de camisa, compadre?

CARDOSO – É verdade! (Corre ao quarto e volta vestindo a casaca.)

AMÁLIA – De distintivo, Cardoso?

CARDOSO – É verdade! (Tira o distintivo zangado.) Atxim!

PERDIGÃO – Já leu o que traz hoje o Jornal a seu respeito?

CARDOSO – Já: ofensa feroz! É o pago que dão a tantos sacrifícios.

PERDIGÃO – Diga antes: é o castigo que infligem ao erro de aceitá-los.

AMÁLIA (Impaciente.) – Vamos embora! (Vão todos saindo.)

<sup>17</sup> Deus esteja contigo.

# Cena X

(Os mesmos e um Soldado)

SOLDADO (a Cardoso.) – Trouxeram este ofício e esta carta para Vossa Senhoria. (Entrega a carta e o ofício e sai.)

CARDOSO – Dê aqui. (Abrindo a carta.) Com licença. (Lê.) É um bilhete em que o oficial do gabinete do ministro me comunica haver sido outro nomeado para a vaga do Cantidiano... E metam-se!

PERDIGÃO – Hein?

CARDOSO – E metam-se a servir o país! (Abrindo o ofício.) Com licença! (Depois de ler o ofício.) Sabem o que é? Minha demissão.

PERDIGÃO E AMÁLIA – Demissão?

CARDOSO – Á vista do que a meu respeito tem aparecido na imprensa!

PERDIGÃO – Não falemos mais nisso! Vamos embora.

CARDOSO – Poupou-me o trabalho de pedi-la.

AMÁLIA – Quem não quiser ser lobo...

PERDIGÃO – Mas o compadre acaba de despir a pele do lobo. (Apanhando o distintivo.) Aqui está!

CARDOSO – Atxim! (Saem todos os três e cai o pano.)

FIM



# Entre a missa e o Almoço

Artur Azevedo

Entreato cômico

A VISCONDESSA  
ISALTINA  
DUDU  
LUÍSA  
LAURA  
ELISIÁRIA  
ARNALDO VIEGAS  
PEDRO

## Personagens

Rio de Janeiro. Atualidade.

Sala em casa da viscondessa. Boa mobília, quadros, objetos de arte, etc. Porta ao fundo dando para o jardim. Duas portas à direita, janela à esquerda.

# Cena I

(Pedro, depois Arnaldo)

(Ao levantar o pano, Pedro, o copeiro da casa, espana os móveis; alguns momentos depois, ouve-se uma campainha elétrica. Ele vai à porta do fundo e olha para fora.)

PEDRO – Oh! O sr. dr. Arnaldo! Entre, sr. doutor! (Arnaldo entra). Como tem passado vossa senhoria? Vossa senhoria não se lembra de mim? Sou o Pedro... o Pedro, que foi copeiro de vossa senhoria!

ARNALDO – Ah!

PEDRO – Tenha a bondade de sentar-se.

ARNALDO – Obrigado. Estou bem.

PEDRO – A sra. d. Alice está boa?

ARNALDO – Creio que sim.

PEDRO – Não fique querendo mal à sra. d. Alice, não, senhor; mas a sra. d. Alice foi muito injusta para comigo.

ARNALDO (quase interessado) – Por quê?

PEDRO – Pois vossa senhoria não se lembra que ela me despediu sem razão?

ARNALDO – Não sei disso.

PEDRO – Eu fazia muito bem a minha obrigação; não havia motivo de queixa; entretanto, a desculpa foi que o meu serviço era mau. (Sorrindo). Depois vim saber de tudo...

ARNALDO (desta vez interessado) – Tudo quê?

PEDRO – Quem me disse foi seu Ferreira.

ARNALDO – Quem é seu Ferreira?

PEDRO – O homem da venda. A cozinheira contou que eu era "leva-e-trás" de vossa senhoria, que trazia recadinhos em segredo a vossa senhoria... Ora seja tudo por amor de Deus!...

ARNALDO – Bom! Isso não tem importância.

PEDRO – Como não tem importância? Tem importância, sim, senhor! Eu sou um pobre criado de servir, um homem de cor, mas nunca fui menino de recado de ninguém!

ARNALDO – Isso lá vai...

PEDRO – Nunca tive patroa mais ciumenta que aquela! Vossa senhoria vivia muito apouquento! <sup>18</sup>

<sup>18</sup> Atingindo por aborrecimento, atormentado.

ARNALDO (a quem desagrada a conversa, naturalmente por ser com quem é) – O visconde está em casa?

PEDRO – Está sim, senhor... está ali (Apontando para a direita baixa), no seu gabinete, ocupado com a sua advocacia!... Oh! O sr. visconde trabalha muito! Às 6 da manhã já está de pé... Senta-se à mesa de trabalho e fica até as 11, mesmo aos domingos, como hoje!

ARNALDO – Está sozinho?

PEDRO – Sozinho. A sra. viscondessa foi ouvir missa ali na matriz. É verdade que a missa está acabando, e a sra. viscondessa não tarda aí com as amigas.

ARNALDO – As amigas?

PEDRO – Sim, senhor. Todos os domingos, depois da missa, ela traz consigo, da igreja, quatro ou cinco senhoras da vizinhança, que vêm tomar café e conversar, aqui na sala, sobre todos os assuntos da semana... é assim uma espécie de noticiário... (Animado por um quase sorriso de Arnaldo) Cortam na pele das outras... e principalmente das outras, que é um gostinho. Se vossa senhoria assistisse, escondido, a uma dessas conversas entre a missa e o almoço, divertia-se a valer! São terríveis! Sabem de tudo quanto se passa na casa alheia! A sra. viscondessa é a que menos fala, mas parece que adora ouvir falar. É uma boa senhora, vossa senhoria não acha?

ARNALDO – Acho que você não perderia nada se também falasse menos. Ande, leve o meu cartão ao visconde e **pergunte-lhe** se pode me receber.

PEDRO (que recebe o cartão, sai pela direita e volta logo depois.) – O sr. visconde pede a vossa senhoria que entre. (Arnaldo, que examinava os quadros, sai pela direita baixa. Ouvem-se os sinos da igreja próxima.) Chi! Acabou a missa e a sala não está completamente espanada! (España às pressas.) A sra. viscondessa, vendo um bocadinho de pó, faz um tempo quente! Bom! Pronto! Agora é tratar do café! (Olhando para fora ao passar pela porta do fundo). Era tempo: aí vem o noticiário... (Sai pela direita alta).

## Cena II

(A viscondessa, Isaltina, Dudu, Luísa, Laura e Elisiária)

(Bem trajadas todas, mas sem chapéu. Traz cada uma o seu livro de missa. A viscondessa vai para os **cinquenta**. Dudu tem apenas dezessete anos. É mal-educada. Luísa, sua mãe, é quarentona. As outras são senhoras de vinte e cinco a trinta anos.)

A VISCONDESSA (entrando) – Vão entrando, sentem-se. Eu vou lá dentro ver o café. (Entram outras. Dudu vai para a janela.)

ELISIÁRIA – Viscondessa, não se esqueça de recomendar que tragam a minha xícara com muito pouco açúcar! (A viscondessa sai pela direita alta.)

LUÍSA – Tomara que o de hoje esteja melhor que o do domingo passado. Café, ou muito bom ou nenhum! (De repente, vendo Dudu à janela.) Sai da janela, Dudu!

DUDU – Ora, mamãe!

LUÍSA – Não ouves! (Dudu sai da janela.)

ELISIÁRIA – Há quatro, não: há cinco!

LAURA – Vocês também! Creio que há três!

ELISIÁRIA – Há cinco! Tem ouvido muita missa com aquela roupa!

LUÍSA – Pudera! O marido está pronto!

DUDU – Pronto para quê?

LUÍSA – "Pronto" quer dizer sem dinheiro.

DUDU – Nesse caso, também papai está pronto...

LUÍSA – Cala a boca, menina!

## Cena III

(As mesmas, a viscondessa, Pedro)

(A viscondessa entra da direita alta, acompanhada por Pedro, que traz o café numa bandeja de prata.)

A VISCONDESSA (às senhoras que estão de pé) – Então, sentem-se!



SCHLOSSER

(Estão sentadas todas. Pedro oferece-lhes café. Todas se servem.)

ELISIÁRIA – Qual é a que tem pouco açúcar?

PEDRO – Esta. (Enquanto as senhoras tomam café, Pedro espera ao fundo, com a bandeja na mão. Luísa, ao provar a sua xícara, faz uma careta.)

VISCONDESSA – Está bom?

LUÍSA – Esplêndido!

LAURA – Magnífico!

ISALTINA – Delicioso!

DUDU, com ironia – Supimpa!

LUÍSA – Dudu!

(Pedro recolhe as xícaras vazias.)

ISALTINA (pondo a sua xícara na bandeja) – Estou tão habituada a este cafezinho depois da missa que não poderia mais passar sem ele!

(Pedro sai pela direita alta, levando a bandeja. Silêncio.)

DUDU (solenemente) – Está aberta a sessão! (Todas riem.)

LUÍSA – Dudu!

VISCONDESSA – Esta menina tem espírito! Pois bem, está aberta a sessão. Quem pede a palavra?

ISALTINA – Eu!

VISCONDESSA – Tem a palavra.

ISALTINA – Quero dar-lhes uma grande novidade.

TODAS – Qual?

ISALTINA – Uma novidade de sensação! Preparem-se!

VISCONDESSA – Estamos preparadas.

ISALTINA – A Alice Viegas separou-se anteontem do marido!

TODAS – Hein!

VISCONDESSA – Que está dizendo, Isaltina? Isso pode lá ser!

LUÍSA – Não é possível!

ISALTINA – É o que lhes digo: separaram-se! A Alice está na casa dos pais, no Andaraí. Vão tratar do divórcio!

VISCONDESSA – Quem lhe deu essa notícia?

ISALTINA – Pessoa confiável: o médico da casa que assistiu, sem querer, ao final da cena de rompimento e depois foi ao Andaraí para ver a Alice, que estava excessivamente nervosa.

VISCONDESSA – O Dr. Getúlio?

ISALTINA – Esse mesmo. Como sabem, é meu compadre. Foi, como todos os sábados, jantar comigo ontem e contou-me tudo.

Amor por Anexins e Outros Contos

DUDU – Ora! Briga de marido e mulher não dura. Qualquer dia têm saudades um do outro e fazem as pazes!

LUÍSA – Cala a boca, menina!

VISCONDESSA – É difícil de acreditar! O Arnaldo Viegas vivia com a mulher como dois pombinhos...

LAURA – Não quer dizer nada.

ISALTINA – As aparências iludem. Eles ultimamente não se podiam ver...

ELISIÁRIA – Pode ser tudo verdade. A minha engomadeira, que serviu na casa deles não há muito tempo, disse-me que andavam sempre como o cão e o gato.

VISCONDESSA (em tom repreensivo) – E você calada, Elisiária?

ELISIÁRIA – Esqueci-me de lhes dizer.

ISALTINA – Em todo caso, não creio que a razão esteja com o marido...

DUDU (repentinamente) – Por quê?

LUÍSA – Cala a boca, Dudu! Não te metas onde não és chamada!

LAURA – Conheço perfeitamente Alice; fomos companheiras de colégio; é uma senhora acima de qualquer suspeita.

ELISIÁRIA – Quem sabe lá? Tem se visto tanta coisa extraordinária!...

VISCONDESSA – Sim, tem-se visto muita coisa... mas não há dúvida de que até hoje ninguém lembrou de dizer mal de Alice.

ISALTINA (apoiando) – Ninguém. Não gosto dela nem ela de mim, mas devo ser justa! Ninguém, nem mesmo nós!...

LAURA – Por que é que você não gosta dela? Alice é tão boazinha!...

ISALTINA – Não duvido; mas de tempos a esta parte começou a tratar-me por cima do ombro, fingindo que não me vê quando me encontra em qualquer parte, minha amiga; mas não quis me dizer por quê.

DUDU – Então seria melhor que não concluísse nada!

LUÍSA – Cala a boca, Dudu!

DUDU – Eu, quando me tratam mal, quero saber por quê!

LUÍSA – Então?

DUDU – Ora, mamãe! Estou dizendo alguma besteira?

LUÍSA – Estas conversas não são para senhoritas.

DUDU – Então por que a senhora me trouxe?

(Vai de mau modo para a janela.)

ISALTINA – Sou tão superior a essas pequenices que a defendo, mesmo sem conhecer os motivos da separação!

VISCONDESSA – Conheço de perto o dr. Arnaldo, que é contraparente do visconde. É um moço distintíssimo, correto, bem-educado, e nada consta em contrário.

ELISIÁRIA – A Alice tem um grande defeito.

TODAS (com interesse) – Qual?

ELISIÁRIA – É muito ciumenta. A esse respeito a minha engomadeira contou-me coisas muito interessantes.

LUÍSA (vendo Dudu à janela) – Dudu, sai da janela! Oh, que menina teimosa!...

VISCONDESSA – Deixa-a. Que tem?

LUÍSA – O filho do Oliveira estava na igreja e não tirava os olhos dela. Naturalmente anda a rondar. Dudu!

DUDU (saindo da janela) – Ora, mamãe!... Não sei o que faço!... Se fico aqui, não devo ouvir a conversa, que é gênero livre; se vou para a janela, não devo estar na janela! Que coisa! (Senta-se chateada, folheando um álbum de retratos.)

LUÍSA – Coisa ruim!...

LAURA – Também eu creio que sejam os ciúmes o motivo da separação. O Dr. Viegas vivia num apuros!

ISALTINA – Minha cara, não há desconfiança de esposa que não tenha razão de ser. Isso de ciúmes infundados é uma história inventada pelos senhores homens. A Alice era ciumenta porque provavelmente o marido lhe dava razão para isso.

VISCONDESSA – Deus me livre de defender homens, mas não de concordar; há casos em que a injustiça de certas senhoras...

ISALTINA – As vítimas somos sempre nós!

ELISIÁRIA – Sempre? Isso é muito absoluto!

ISALTINA – Será, mas é assim mesmo. Nesse ponto sou inflexível. Defendo contra os homens até as minhas próprias inimigas!...

VISCONDESSA – É levar muito longe o feminismo ou o espírito do sexo.

ISALTINA – Não há maridos perfeitos... e compreende-se: eles saem, vão a toda parte, são livres, e não há ninguém que não abuse da liberdade... Isso está na massa do sangue humano... E nós ficamos em casa, metidas entre paredes...



DUDU – Entre quatro paredes? Pois sim! Há senhoras casadas que apanhando os maridos na rua...

LUÍSA – Cala a boca, Dudu.

ISALTINA – Se o Dr. Arnaldo Viegas aparecesse aqui neste momento, eu iria interrogá-lo e vocês veriam se tenho ou não tenho razão!

(Abre-se a porta da direita baixa e aparece Arnaldo Viegas. Espanto geral. Todas as senhoras se levantam.)

## Cena IV

(As mesmas, Arnaldo Viegas)

ARNALDO (tomando a cena depois de uma larga pausa) – O Dr. Arnaldo Viegas aqui está, minha senhora, e pronto para responder às questões... Ouvi sem querer... Estava naquele gabinete conversando com o visconde e, ao sair...

VISCONDESSA – Não sabíamos. A sua presença foi para nós uma surpresa, e o seu aparecimento produziu um efeito verdadeiramente teatral (rindo). Mas não faça caso do que disse a Isaltina.

ISALTINA – Ah! Eu não recuo, viscondessa! Os homens não metem medo!...

ARNALDO – O mesmo não digo eu das mulheres, mas faz a senhora muito bem e, uma vez que deseja me perguntar algo, pergunte-me à vontade!

DUDU – Quero ver como d. Isaltina descalça essa bota!

LUÍSA – Dudu!

ARNALDO – O assunto da pergunta não pode ser outro senão o lamentável incidente, que se acaba de dar na minha casa, e do qual foi testemunha, em parte, o Dr. Getúlio, compadre da senhora — mas as senhoras estavam sentadas... levantaram-se quando eu entrei... queiram sentar-se. Também eu me sento. (Sentam-se todos). Pois é verdade, minhas senhoras, separei-me de minha mulher. Era dela que falavam? Destruí todo o meu complicado sonho de futuro... "Destruí" é um modo de dizer:

destruído estava ele há muito tempo. Agora mesmo solicitei do visconde que se encarregasse do meu processo de divórcio... Divórcio? Quando poderia eu pensar que o meu amor tivesse um fechamento judiciário! (Silêncio). Enganei-me? Não era esse o objeto da pergunta?

ISALTINA – Era, sim, senhor. Eu defendi sua senhora. O doutor bem sabe que ela, não sei por quê, deixou de simpatizar comigo; portanto, não sou suspeita... Qual dos dois é o culpado? Ela? Duvido!

ARNALDO – Somos culpados ambos, ela e eu. Ela, porque era injusta, porque fazia da nossa casa um inferno e não me deixava trabalhar, e porque, casado há quase três anos, não tratei de corrigir, desde os primeiros dias, os seus defeitos de educação. Alice entendeu que eu deveria ser não o seu esposo, não o seu companheiro, amante, leal e dedicado, mas o escravo dos seus caprichos, das suas fantasias, das suas ilusões. Fiz todos os esforços para viver só para ela e para o trabalho, mas não consegui. Se continuássemos ligados um ao outro, em pouco tempo estaríamos velhos e gastos. Não nos compreendíamos e já não nos amávamos. Não tínhamos filhos, éramos ricos, o melhor que podíamos fazer era procurar cada qual outro rumo. Foi o que fizemos.

ISALTINA – Mas Alice é uma senhora honesta.

ARNALDO – Quem diz o contrário? Posso dar o melhor testemunho da sua honestidade, empregando a palavra honestidade na acepção em que a senhora a empregou, isto é, tenho certeza de que Alice, depois de casada, nunca pensou noutro homem que não fosse eu.

LUÍSA – Dudu, vai para a janela.

DUDU – Que coisa! (Vai para a janela).

ARNALDO – Ela é honesta, e também eu o sou, embora ela e a senhora não acreditem nisso. (Murmúrios de protestos). Mas a honestidade não basta para fazer a felicidade de um casal; é preciso também o amor. Desde que este desapareceu para dar lugar à mentira e à hipocrisia, só as conveniências sociais me obrigariam a aceitar uma situação intolerável e eu — com perdão das senhoras — declaro que não sacrifico a minha vida à sociedade, nem a minha felicidade a essa moral tirana que é a desgraça dos fracos. Não sou pessimista, não creio na boa ou má sorte dos indivíduos, e acho que toda criatura humana, ainda

mais quando é pelo instinto de conservação, tem o direito de remover quantos obstáculos as circunstâncias oponham à sua felicidade. O destino é um preconceito.

VISCONDESSA – Mas não me parece que o seu caso seja caso para divórcio.

ARNALDO – O divórcio não foi instituído exclusivamente para os desonestos. Serve também para os infelizes... para os que se ligaram por um equívoco. Apenas lamento que o não tenhamos ainda absoluto e completo, e Alice e eu não possamos retomar senão parte da nossa liberdade.

LAURA (tristemente) – Alice era muito ciumenta.

ARNALDO – Ainda bem que a senhora sabe disso. Foram os seus ciúmes que envenenaram a nossa existência conjugal e deram fim ao nosso amor. Não eram zelos, que os zelos são um condimento penoso de toda a afeição sincera; eram ciúmes, ciúmes terríveis, extravagantes, absurdos, insuportáveis — ciúmes que me ofendiam profundamente e muitas vezes me colocavam numa situação inconveniente e ridícula — ciúmes de todas as senhoras com que eu falava, ciúmes das mulheres desconhecidas que se sentavam a meu lado no bonde ou no teatro; ciúmes das amigas, das parentes, das criadas e até das cozinheiras....

ISALTINA – Não é acreditável que tantos ciúmes fossem à toa, que o doutor não lhe tivesse dado, ao menos, uma vez, razão para...

DUDU (deixando a janela) – Isso agora é impertinência!

LUÍSA – Dudu!...

ARNALDO (depois de uma pausa, tomando uma resolução e aproximando a sua cadeira da de Isaltina) – Ouça bem, minha senhora, e responda. Invertamos os papéis, agora quem pergunta sou eu. Uma noite tive a honra de encontrá-la no Casino, durante uma partida, do Clube dos Diários, e troquei algumas palavras com a senhora. Lembra-se?

ISALTINA – Perfeitamente. Foi no ano passado.

ARNALDO – Pois bem, as minhas palavras foram inconvenientes?... Eram palavras que a senhora não pudesse ou não devesse ouvir?

ISALTINA – Oh, doutor!... essa pergunta!...

ARNALDO – Peça à senhora que me responda: algum dia faltei ao respeito devido à senhora?

ISALTINA – Nunca...! Nem eu o permitiria!



Amor por Anexins e Outros Contos

ARNALDO – Algum dia estive a sós com a senhora?

ISALTINA – Comigo?! Nunca!

ARNALDO – Algum dia a senhora recebeu carta minha ou recado meu? Algum dia percebeu nos meus olhares ou nos meus gestos a manifestação de um desejo impuro?

ISALTINA – Nunca!

ARNALDO – Pois bem, na opinião da minha mulher, a senhora foi minha amante! (Levanta-se).

TODAS – Oh! (Levantam-se todas, menos Isaltina).

ARNALDO – Ela muitas vezes jogou na minha cara os meus amores com a senhora e fartou-se de dizer a muita gente, inclusive ao Dr. Getúlio, compadre da senhora. Pergunte a ele!

ISALTINA – Estou petrificada!

VISCONDESSA – O caso não é para menos.

ARNALDO – Acho que me justifiquei perfeitamente. Peço às senhoras permissão para me retirar. Viscondessa... minhas senhoras... (Cumprimenta).

TODAS – Doutor... (Arnaldo sai).

## Cena V

(As mesmas, menos Arnaldo)

ISALTINA (levantando-se e caindo no choro) – Por esta não esperava eu!

DUDU – Pois eu esperava!

LUÍSA – Dudu!

VISCONDESSA – Não chore... Não há razão para tanto!...

ISALTINA – Estou muito nervosa.

VISCONDESSA – Isso passa, não é nada. Minhas amigas, o Dr. Arnaldo Viegas respondeu tão bem ao interrogatório que podemos, creio, votar uma moção<sup>19</sup> de confiança.

TODAS (menos Isaltina) — Apoiado!

DUDU – Está levantada a sessão!

Fim

---

<sup>19</sup> Proposição feita em uma **assembleia** qualquer.

# O diletante

A Júlia Lopes de Almeida,  
autora da cintilante crônica Reflexões de um marido, cuja  
leitura me inspirou esta comédia  
O.D.C.

## Personagens

HENRIQUETA  
ISABEL  
ÂNGELO  
RODRIGO  
LUDGERO  
PAI JOÃO  
LISBOA  
ESPOSENDE

Rio de Janeiro. Atualidade.

## Ato primeiro

Gabinete de trabalho de Ângelo, estantes com livros, secretária coberta de papéis, porta ao fundo, porta à direita; é dia.

## Cena I

(Ângelo, depois Pai João)

(Ângelo trabalha sentado à secretária. Depois de alguns momentos, Pai João, preto-mina<sup>20</sup> de seus noventa anos, entra pelo fundo.)

PAI JOÃO – Sió moço doutlô!

ÂNGELO (Sem levantar os olhos do trabalho.) – Que é, Pai João?

PAI JOÃO – Tá aí zoalelo da rua d’Ouvidlô.

ÂNGELO – O joalheiro? Era certo de vir! Manda-o entrar.

PAI JOÃO (Indo ao fundo e falando para fora.) – Faze favló.  
(Entra Esposende, Pai João sai.)

## Cena II

(Ângelo, Esposende)

ESPOSENDE – Senhor doutor...

ÂNGELO – Boa tarde, senhor Esposende. Queira sentar-se.  
(Indica-lhe uma cadeira, perto da secretária.)

ESPOSENDE – Estou bem, doutor.

ÂNGELO – Obrigame a levantar-me. Sente-se. Aí tem cadeira.

ESPOSENDE – Obrigado. (Senta-se.)

ÂNGELO – Já sei o que o traz. Minha mulher esteve no seu estabelecimento, escolheu uma **joia** e mandou a conta para que eu a pagasse.

ESPOSENDE – Como das outras vezes. O doutor desculpará tanta prontidão na cobrança, mas foi sua senhora mesmo quem insistiu para que eu viesse já, que o encontraria em casa. Aqui está um bilhete dela. (Dá um papel a Ângelo.)

ÂNGELO (lendo) – “Ângelo, paga esse anel. Tua, Henriqueta.” É uma ordem à vista.

<sup>20</sup> Nome dado aos escravos trazidos de Gana.

ESPOSENDE – E não pode ser mais direta.

ÂNGELO – E o anel?

ESPOSENDE – Está com ela. O que trago é a nota com o recibo.

ÂNGELO – Dê cá. (Lendo a conta e erguendo-se de um salto.) Três contos de réis!...

ESPOSENDE – Ah! meu senhor, é um diamantinho da mais pura água! Era a **joia** das minhas **joias**!

ÂNGELO – Não duvido, mas... três contos!...

ESPOSENDE – Três contos que continuarão a ser dinheiro em caixa. Em **joias** ninguém se arruína. Quando são boas, não perdem o valor. Quer saber? anteontem vi exposta na Hortulânia uma parasita<sup>21</sup> com o preço marcado: seiscentos mil-réis. Ontem já lá não estava. Perguntei se a tinham vendido. Dez que fossem! Imagine agora que sua senhora, em vez de gostar de **joias**, gostasse de parasitas...

ÂNGELO (Que durante a fala de Esposende foi a um móvel buscar um caderno de cheques do Banco e se sentou de novo à secretária.) – Isso é verdade.

ESPOSENDE – “Ângelo. Paga essa parasita. Tua, Henriqueta.” Era um pouco mais caro. (Vendo que Ângelo se dispõe a preencher um cheque.) É um cheque? Escreva apenas dois contos oitocentos e **cinquenta** mil-reis.

ÂNGELO – Pois não são três contos?

ESPOSENDE – São; mas adotei agora o sistema de dar aos maridos, particularmente, cinco por cento sobre todas as compras feitas pelas senhoras.

ÂNGELO – Quanta generosidade!

ESPOSENDE – Generosidade, não: filosofia. Também eu já fui casado; sei o valor que as senhoras dão ao dinheiro e a facilidade com que o gastam.

ÂNGELO – Pagou também muita **joia**?

ESPOSENDE – Paguei sim, senhor; e foi por isso que me fiz joalheiro. Este abatimento é...

ÂNGELO – Uma espécie de ficha de consolação.

ESPOSENDE – Isso!

ÂNGELO (Erguendo-se e entregando o cheque.) – Obrigado pela comissão do marido.

<sup>21</sup> Orquídea



ESPOSENDE – Não há de quê. (Estendendo-lhe a mão.)  
Dá-me licença?

ÂNGELO – Passar bem, senhor Esposende.

ESPOSENDE – Sempre às suas ordens lá estamos. (Sai.)

## Cena III

(Ângelo, Pai João, depois Rodrigo)

(Cena muda em que Ângelo indica o desgosto que lhe causou aquela despesa inútil. Contempla o caderno de cheques, abanando a cabeça, e depois vai guardá-lo no móvel de onde o tirou. Senta-se à secretária e trabalha, mas vê a conta deixada pelo joalheiro e examina-a de novo; depois atira-a sobre a secretária e fica pensativo, apoiando a cabeça na mão. Entra Pai João muito contente.)

PAI JOÃO – Siô moço doutlô! (Ângelo não ouve.) Siô moço doutlô!

ÂNGELO (Como que despertando.) – Hein?

PAI JOÃO – Tava dlomindo?

ÂNGELO – Não; estava pensando.

PAI JOÃO – Divina quem tá aí!

ÂNGELO – Quem é?

PAI JOÃO – Síô doutlô Lodligo!

ÂNGELO (Erguendo-se de um salto.) – Rodrigo!...

PAI JOÃO (Falando para fora.) – Entla, siô doutlô! (Entra Rodrigo. Vestuário claro de viagem.)

RODRIGO – Onde está o grande homem? (Vendo Ângelo.) Ah! (Atiram-se nos braços um do outro com entusiasmo.)

ÂNGELO – Eu só contava contigo daqui a um mês.

RODRIGO – Antecipei a minha viagem por causa do frio. Vi cair tanta neve que tive saudade do sol! Não mandei te dizer nada, para causar-te uma surpresa.

ÂNGELO – Fizeste mal. Eu e minha mulher teríamos prazer em ir buscar-te a bordo.

RODRIGO – Com uma banda de música? Ela, como vai?

ÂNGELO – Minha mulher? Perfeitamente!

RODRIGO – E o bebê? Vem por aí?

ÂNGELO – Nem sinal!

RODRIGO – Isso é que é mau.

ÂNGELO – Mas como estás bem disposto! Estás mais jovem, sabes?

RODRIGO – Ah! meu amigo, não há nada como viajar! E tu? Tens estado com saúde?

ÂNGELO – Graças a Deus.

RODRIGO (Batendo carinhosamente no ombro de Pai João.) – E o nosso Pai João, a relíquia de família?... Sempre forte, hein?

PAI JOÃO – Flote, non, siô doutlô... mase vai se vivendo.

ÂNGELO – Não há mal que o atinja!

RODRIGO – Que idade tem o senhor, Pai João?

PAI JOÃO – Non sabe, non siô... mase Pai Zoão é munto velo... munto velo...

RODRIGO – O senhor viu enforcar Tiradentes?

ÂNGELO – Não; mas se fazes questão de um fato histórico, fica sabendo que aí onde o vês assistiu à partida de Pedro I depois do Sete de Abril.

RODRIGO – Verdade?

PAI JOÃO – Si siô... na praia de Santa Luzia... Pai Zoão ela moleque assim... (Indica o tamanho.) Quando navio passou, praia tava assim de zente... flutaleza dava tiro... povo turo çolava, pluque tinha pena do impeladlô... Eh! eh! Pai Zoão tá munto velo... tá munto velo... (Sai.)

SCHLOSSER



# Cena IV

(Ângelo, Rodrigo)

RODRIGO – Ora, Pedro I partiu...

ÂNGELO – Em 1831.

RODRIGO – Pai João deve ter noventa anos.

ÂNGELO – Pelo menos.

RODRIGO – Isto é que é viver!

ÂNGELO – O amor não envelhece. Ele em toda a sua vida não tem feito outra coisa senão amar. Chegou àquela idade e não admite que o senhor moço doutor tenha outro criado senão ele. Se eu o aposentasse, ele morreria.

RODRIGO – Coitado! é teu amigo... viu-te nascer...

ÂNGELO – Viu nascer minha mãe. (Outro tom.) Mas tratemos de ti... Apreciaste muita coisa boa por esse velho mundo, hein?

RODRIGO – Sim, apreciei muita coisa boa durante estes dois anos, mas passei a maior parte do tempo nas escolas e nos hospitais... A medicina continua a ser a minha paixão dominante e o meu desespero.

ÂNGELO – Ora, o teu desespero por quê?

RODRIGO – Porque seria preciso viver tanto como Pai João e ser um gênio para saber tudo! Mas onde está tua mulher? Estou morto por vê-la!

ÂNGELO – Saiu. O pai e a mãe vieram buscá-la e andam a passear na rua do Ouvidor e na Avenida.

RODRIGO – És feliz?

ÂNGELO – Adoro minha mulher.

RODRIGO – Não é isso que pergunto. Pergunto se és feliz.

ÂNGELO – Naturalmente... Pois se a adoro! Não poderia adorá-la se não fosse feliz... nem poderia ser feliz se não a adorasse...

RODRIGO – Essa resposta é de quem não é feliz.

ÂNGELO – Já vejo que voltaste o mesmo homem.

RODRIGO – Tu conheces as minhas ideias a respeito do casamento. Marido e mulher só podem ser absolutamente felizes quando se identificam um com o outro a ponto de se confundi-

rem numa só individualidade. O casamento só é feliz quando a mulher pode repetir ao marido e o marido à mulher o famoso verso do padre Caldas: “Eu e tu somos só eu”.

ÂNGELO – Isso é muito raro.

RODRIGO – Tão raro como os casamentos felizes. Olha, se eu estivesse presente, não te casarias com tanta facilidade. Mas tu aproveitaste a minha viagem, fizeste como as crianças travessas quando pilham os pais descuidados. Torço as orelhas por não te haver levado comigo!

ÂNGELO – Quem te ouvisse falar não sei o que poderia supor.

RODRIGO – Em algumas das cartas que me escreveste, pareceu-me entrever uns começos de arrependimento...

ÂNGELO – Oh!

RODRIGO – Desculpa-me esta franqueza brutal, mas eu sou teu amigo desde que eras pequeno, e tua mãe — tua santa mãe — considerava-me teu irmão mais velho. (Pausa.) Tu não és feliz. Tua mulher tem defeitos.

ÂNGELO – Não, não tem defeitos... tem um defeito, um defeito, só um defeito de educação... aliás corrigível.

RODRIGO – Mas que não tens podido corrigir.

ÂNGELO – Porque sou fraco... Nas tuas mãos ela seria uma mulher perfeita.

RODRIGO – Já sei... a menina é ciumenta...

ÂNGELO – Não... isto é... não é mais nem menos ciumenta que em geral as moças brasileiras... Ciúmes tolos... fantasias...

RODRIGO – Vamos lá! tu... quando solteiro...

ÂNGELO – Quando solteiro; depois de casado... Homem, já te disse que adoro minha mulher!

RODRIGO – Mas vamos! Qual é seu defeito?

ÂNGELO – É perdulária!<sup>22</sup>... deita o dinheiro aos punhados pela janela afora!...

RODRIGO – Bonito!

ÂNGELO – Quando a vi pela primeira vez, numa corrida no Derby...

RODRIGO – Não precisa me contar a história dos teus amores: estou farto de sabê-la pelas tuas cartas. É, *mutatis mutandis*<sup>23</sup>, a história de todos os casamentos. Dois olhares, dois

<sup>22</sup> Indivíduo que gosta excessivamente, esbanjada.

<sup>23</sup> Expressão latina que pode ser lida como “com algumas diferenças”.

sorrisos, duas cartas, dois beijos, e acabou-se. Quem é aquela mulher? Não sei, não quero saber; só sei que é bonita, que a amo, e que não poderei possuí-la sem a levar ao juiz e ao padre. Mas sabes tu ao menos que família é a sua? que educação recebeu? qual foi seu passado de virgem? Oh! oh! as virgens só têm passado quando deixam de o ser! Vamos, diz-me: que espécie de gente são os teus sogros?

ÂNGELO – O pai é meu colega.

RODRIGO – Teu colega?

ÂNGELO – É como toda a gente, um bacharel formado.

RODRIGO – Cita o autor.

ÂNGELO – Guerra Junqueiro.

RODRIGO – Adiante. Ele advoga?

ÂNGELO – Não. Vive de alguns vinténs que herdou do pai. Tem uma fazenda no Estado do Rio. É de uma ignorância, ou antes, de uma imbecilidade fenomenal. Quer que o achem rico e aparenta grandezas que não tem nem pode ter. A mãe é uma senhora inteligente e sensata, mas a sua inteligência e o seu bom senso se anulam invariavelmente diante das opiniões do marido. Por isso vivem como Deus e os anjos.

RODRIGO – Eu e tu somos só eu; ele é tolo, ela é fraca: são felizes.

ÂNGELO – Henriqueta é filha única. Foi educada como filha de milionários. Viu desde pequenina satisfeitos os seus caprichos ainda os mais extravagantes e habituou-se a isso. Trouxe de dote **cinquenta** contos, que, reunidos ao que me restava da herança de minha mãe e às minhas economias, perfizeram mais de duzentos contos. Quase metade desse capital foi todo absorvido pela compra desta casa, mobília, móveis, objetos de arte etc., tudo exigência dela. Da outra metade, já pouco, muito pouco me resta. Um verão em Petrópolis, uma assinatura no *Lírico*, um carro, uma caleça<sup>24</sup>, duas parelhas de cavalos, muitas **joias**, alguns jantares, bailes etc... Parece que não é nada... tem sido um sorvedouro<sup>25</sup> de dinheiro.

RODRIGO – O diabo foi ela trazer-te os tais **cinquenta** contos.

ÂNGELO – Foi o diabo, foi! Todas as vezes que tento reagir contra os seus desperdícios, ela atira-me à cara o seu dote! Ora,

<sup>24</sup> Tipo de carruagem de passeio.

<sup>25</sup> Aquilo que causa desperdício ou ruína.

Amor por Anexins e Outros Contos

o seu dote! Onde vai seu dote! E não é só ela: é também o pai! É o dote de Henriqueta pra cá, o dote de Henriqueta pra lá! De modo, meu amigo, que estou completamente atado pelo diabo desse dote! Minha mulher não sai à rua que não gaste muito dinheiro! Compra joias... joias inúteis... Olha... ainda hoje... (Mostrando-lhe a conta que ficou sobre a secretária.) Um anel de três contos de réis!... E talvez não fique nisto!... (Entra Pai João, trazendo uma caixa de chapéu e uma conta.)

## Cena V

(Os mesmos, Pai João)

PAI JOÃO – Tá qui sinhá Henliqueta mandou, pia sió moço doutlô pagá.

ÂNGELO – Que digo eu? (Vendo a conta.) Um chapéu modelo, cento e cinquenta mil-réis. Justamente a comissão do marido.

RODRIGO – Que comissão?

ÂNGELO – É uma coisa aqui! (A Pai João.) Deixa ficar a caixa aí sobre a secretária e toma... (Dando-lhe dinheiro.) Dá estes cento e cinquenta mil-réis ao portador.

JOÃO – Si, siô. (Sai.)

## Cena VI

(Ângelo, Rodrigo)

ÂNGELO – Com este é, talvez, o décimo chapéu que ela compra este ano.

RODRIGO – Tem graça. Eu trouxe-lhe também um, de Paris. Tenho nas malas muitos presentes para ti e tua mulher.

ÂNGELO – E nada me dizes sobre o que acabo de expor?

RODRIGO – Digo-te, sim... lá chegaremos... tenho muito, muito que te dizer. Antes de mais nada, deixe que eu te diga que admiro que não tenhas exposto a tua mulher a situação com tanta sinceridade e clareza como acabas de o fazer a um amigo.

ÂNGELO – Ela está convencida de que somos ricos. A verdade causaria nela um desgosto profundo, e não quero desgostá-la, porque, como já te disse, adoro-a... Adoro-a, e fica sabendo, Rodrigo, à parte esse defeito de ser gastadora, não conheço outro... É a mais meiga, a mais carinhosa, a mais amante das esposas. Mas que queres? Todas as vezes que lhe falo em economias, começa a rir! Ri como se eu houvesse lhe dito uma piada... de resto, ela ri de tudo... passa a vida rindo... e o seu riso é comunicativo e sonoro. Não leva nada a sério. É uma Frufru.

RODRIGO – Uma Frufru pobre.

ÂNGELO – Que pensa ser rica.

RODRIGO – Pois é preciso, é urgente desfazer essa sua ilusão, embora o faças com todas as precauções e cautelas, como se lhe desses a notícia da morte de um parente.

ÂNGELO – Talvez me falte o ânimo.

RODRIGO – Se ela te ama, como creio, irá se conformar com a sorte e aceitará conformada a pobreza do casal; se te não ama, adeus! que vá passear!

ÂNGELO – Oh!

RODRIGO – Para que precisas tu de uma mulher que não te ame?

ÂNGELO – Mas se essa mulher é a minha?

RODRIGO – Tua? Uma mulher que te não ama não pode ser tua!

ÂNGELO – E mesmo que não me amasse? Amo-a eu e não me sinto com forças para viver sem ela!

RODRIGO – Mas se também não te sentes com forças para aguentar o repuxo? Quem não pode com a carga, arria!

ÂNGELO – Ou deixa-se esmagar por ela! Que diabo! Vê que não se trata da minha amante, mas da minha esposa.

RODRIGO – E tu a dar-lhe! O que te aconselho apavora à primeira vista, mas é honesto e sensato. Enche-te de coragem, chega-te à tua mulher e dize-lhe: “Menina, estamos sem vintém; os teus **cinquenta** contos e os meus cento e **cinquenta** evaporaram-se. Se queres viver modestamente de hoje em diante, isto é, sem carros nem cavalos, nem uma dúzia de chapéus por ano,



SCHLESSENER



continuarei a ser o teu esposo, e com muito prazer, porque te amo; se não queres, vai para a casa de teu pai e leva contigo as tuas **jóias**, as tuas roupas, os teus chapéus e mais o teu dote, que te restituo intacto!”

ÂNGELO – E depois?

RODRIGO (Naturalmente.) – Depois trataremos do divórcio.

ÂNGELO – Do divórcio!... Pois tu não achas que o divórcio é um escândalo?

RODRIGO – Acho, e foi por isso que nunca quis me casar. Não gosto de dar escândalos. (Ouvem-se as gargalhadas de Henriqueta.)

ÂNGELO – Ouves? É ela... é o seu riso! Vê que alegria vai entrar nesta casa!

## Cena VII

(Ângelo, Rodrigo, Henriqueta, Ludgero, Isabel)

(Henriqueta é a primeira a entrar. Vem rindo às gargalhadas e cai sentada numa cadeira.)

ÂNGELO – De que estás rindo? (Ela ri tanto que não pode responder. A Ludgero.) Que viu ela?

LUDGERO – Sei lá! Foi ao sair do bonde que começou a rir.

HENRIQUETA (a Ângelo) – Imagina que aquele teu amigo que é juiz... aquele que foi delegado... que veio a um dos nossos jantares...

ÂNGELO – O Ponciano?

HENRIQUETA – Deve ser isso. Ele tem cara de Ponciano. (Todos riem.) Acompanhou-me hoje por toda parte... esperou por mim à porta do Palais-Royal... à porta do Esposende... entrou nos Castelões logo atrás de mim... saiu quando eu saí... e agora, ao descer do bonde, dei com o pobre conquistador sentado no último banco, lançando-me uns olhos de peixe morto. Não pude conter o riso! (Rindo-se.) Ah! Ah! Ah! que homem ridículo! (De repente muito séria.) Aí está por que não gosto de andar senão de carro!

ÂNGELO – Pois sim, mas enquanto o cocheiro estiver doente...

HENRIQUETA (Rindo.) – Espero que não desafies o Ponciano! (Muito séria.) Oh! um duelo por minha causa! Nunca!

ÂNGELO – Henriqueta, deixa-me apresentar-te um amigo que deves ter muita satisfação em conhecer pessoalmente...

HENRIQUETA – Ah! O doutor Rodrigo! (Estende-lhe a mão, que ele aperta.)

RODRIGO – Conhece-me?

HENRIQUETA – Mesmo que não tivéssemos o seu retrato, Ângelo tem me falado tanto, tanto do seu melhor amigo, e tantas vezes descrito a sua pessoa, que eu, vendo-o, poderia reconhecê-lo logo.

ÂNGELO – Chegou sem ser esperado, e a sua primeira visita foi nossa.

RODRIGO – Mesmo em traje de bordo.

HENRIQUETA – Não imagina como é querido nesta casa!

RODRIGO – A senhora me confunde. (Beija sua mão.)

HENRIQUETA – Admito senhor por ser a primeira vez que nos falamos, mas desde já o intimo a tratar-me com a mesma familiaridade com que trata meu marido. O senhor é da família. (Rodrigo inclina-se.)

ÂNGELO (Apresentando.) – Dona Isabel de Lima, minha sogra... O doutor Rodrigo Fontes...

RODRIGO – Minha senhora...

ISABEL – Tenho grande alegria de o conhecer. (Apertos de mão.)

ÂNGELO – O doutor Ludgero de Lima, meu sogro. O doutor Rodrigo Fontes...

RODRIGO e LUDGERO – Doutor... (Apertos de mão.)

LUDGERO – Meu genro já me havia falado muitas vezes do doutor... Acaba de chegar da velha Europa, creio?

RODRIGO – Sim, senhor, hoje mesmo.

LUDGERO – Então ainda não apreciou os embelezamentos da cidade?

RODRIGO – Apenas de relance... Já estavam muito adiantados quando parti, há dois anos.

LUDGERO – Tem sido uma transformação, como direi?... radical!

HENRIQUETA (A Ângelo.) – Sabes quem vi na Avenida?

Chiquinha Gomes... É a quarta ou quinta vez que a vejo com aquele vestido cinzento!

ISABEL – Que tem isso, minha filha? Olha, este já vesti mais vezes.

HENRIQUETA – Pois sim, mas tu não és uma pretensiosa como a Chiquinha Gomes, que se intitula a árbitra das elegâncias femininas! (Rindo-se.) Ah! Ah! Ah! Sabes como a Adelaidinha lhe chama? Dona Petrônia!<sup>26</sup> (Todos riem.) Pobre senhora! Não se enxerga! Uma elegante que passeia na avenida Beira-Mar sem chapéu, com a desculpa de que mora perto! A propósito de chapéus, trouxeram? Ah! aqui esta ele! (A Ângelo.) Gostaste?...

ÂNGELO – Paguei. (Todos riem.)

HENRIQUETA – Não gostaste?

ÂNGELO – Não vi.

HENRIQUETA – Realmente! que falta de curiosidade! (Vai abrir a caixa, tira o chapéu e mostra-o a Ângelo durante o diálogo que se segue.)

LUDGERO (a Rodrigo) – Vai abrir consultório, doutor?

RODRIGO – Não, senhor; eu não clínico.

LUDGERO – Mas se não me engano, meu genro disse-me que o doutor tinha ido estudar medicina.

RODRIGO – Efetivamente, mas para o meu uso particular.

LUDGERO – Por que não clínica?

RODRIGO – Porque tenho medo. A responsabilidade do médico é tamanha, que me assusta. Não me considero suficientemente habilitado para curar os enfermos.

LUDGERO – Essa modéstia é, como direi?... excessiva.

RODRIGO – São cuidados.

LUDGERO – Se os seus colegas pensassem todos assim, poucos médicos haveria.

RODRIGO – E pouquíssimos doentes.

LUDGERO – Pois também eu não advogo, não porque não tenha confiança nas minhas luzes, mas porque felizmente me encontro numa situação, como direi?... independente. Sou proprietário agrícola. (Rodrigo inclina-se.)

HENRIQUETA (a Rodrigo) – Dá-me a sua opinião sobre este chapéu?

RODRIGO – Peço-lhe que me dispense, minha senhora, por-

<sup>26</sup> O autor faz alusão ao cronista Petrônio, intitulado o “árbitro da elegância” romana.

que nada entendo de modas. Entretanto, direi que o conjunto é agradável... as cores combinam-se bem... esta pluma é graciosa e está colocada com certo sentimento estético.

LUDGERO – Bravo! falou como um artista.

RODRIGO – Em chapéus.

ISABEL – Foi por causa dessa pluma que ele custou tão caro.

LUDGERO – Cento e **cinquenta** mil-réis.

ISABEL – E o homem pediu duzentos. Se não fosse eu, Henriqueta comprava-o por esse preço.

HENRIQUETA – Mesmo assim, não seria caro.

LUDGERO – Talvez não seja essa a opinião de meu genro, que pagou. (A Rodrigo, em tom meio confidencial.) É verdade que a pequena trouxe alguma coisa para, como direi?... para os seus alfinetes...

RODRIGO – Mas, a julgar pelo preço deste chapéu, atualmente os alfinetes estão pela hora da morte.

ISABEL – Tudo encareceu no Rio de Janeiro!

LUDGERO – Tudo! O pobre luta com dificuldades, como direi?... insuperáveis para viver! Felizmente não me posso queixar da sorte... gasto muito, muitíssimo, mas vivo a meu gosto.

HENRIQUETA – É o essencial. Quando a gente não vive a seu gosto, o melhor é morrer. (Ângelo troca um olhar de inteligência com Rodrigo.)

RODRIGO – A mortandade será horrível, porque raros indivíduos vivem a seu gosto.

ISABEL – O doutor é solteiro?

RODRIGO – Sim, minha senhora.

ISABEL – E não pensa em casar-se?

RODRIGO – Eu poderia responder à senhora como Fontenelle,<sup>27</sup> quando lhe fizeram a mesma pergunta; mas confesso que nunca pensei no casamento. A vida conjugal assusta-me também, tal qual a Medicina.

LUDGERO – Mas, na comunhão social, o matrimônio é um dever, como direi?... recomendável; é o complemento do homem.

RODRIGO – Pois eu decididamente não me completo.

ISABEL – Ludgero, não se esqueça de que vamos à casa do conselheiro, e é longe.

LUDGERO – Tens razão, minha mulher. Vamos!

---

<sup>27</sup> Dramaturgo francês.

ÂNGELO – Então não jantam conosco?  
HENRIQUETA – Foram convidados para um jantar de aniversário...  
ÂNGELO – Natalício?  
LUDGERO – Não; casamentício. Vamos, minha mulher!  
ISABEL – Vamos!  
LUDGERO (a Rodrigo) – Doutor, tenho muita honra em conhecê-lo, e lá estamos às suas ordens na pensão Schumann. Depois que casei a filha, desmanchei o palacete.  
RODRIGO – Santa Teresa, rua Petrópolis, número 50.  
LUDGERO – Todas as vezes que nos der a honra de sua visita, será recebido, como direi?... com especial agrado.  
RODRIGO – Agradecido.  
ISABEL – Doutor...  
LUDGERO – Até sempre. (Apertos de mão.)  
HENRIQUETA – Vou acompanhá-los até o jardim. (Saem Ludgero e Isabel, acompanhados por Henriqueta.)

## Cena VIII

(Ângelo, Rodrigo)

RODRIGO – Tua sogra parece-me uma excelente senhora; mas teu sogro é um idiota.  
ÂNGELO – Não te dizia?  
RODRIGO – Parece até que a sogra é ele e não ela. Como é que um homem assim consegue formar-se em Direito?  
ÂNGELO – Que diabo! Há ainda piores!  
RODRIGO – Não! olha que aquele casamentício...  
ÂNGELO – O que deve dizer é como um homem assim pode ser pai de Henriqueta!  
RODRIGO – Tua mulher é realmente lindíssima, encantadora... mas não te ofendas se te disser que a achei superficial.  
ÂNGELO – Sou o primeiro a reconhecer que ela...  
RODRIGO – Achei de muito mau gosto aquela história do Ponciano.

ÂNGELO – Também eu: mas não te disse que ela não levava nada a sério?

RODRIGO – Com a cabecinha que tem, talvez te seja difícil convencê-la de que é preciso modificar profundamente o seu modo de viver. Mas ora adeus! Tens sido muitas vezes **eloquente** na tribuna; trata de sê-lo agora em família. Tens alcançado grandes triunfos na defesa dos outros; pois defende-te agora a ti mesmo e à tua mulher!

ÂNGELO – Como seríamos felizes se eu fosse rico!

RODRIGO – Não é dinheiro que falta a vocês.

ÂNGELO – Já sei, é juízo.

RODRIGO – Também não é juízo. O que falta a vocês é um filho. Não que eu pense do casamento sem filhos o mesmo que Tolstoi,<sup>28</sup> um sábio que abusa singularmente do direito de dizer coisas que nele são paradoxos, e noutra qualquer seriam tolices. Um filho seria para tua mulher uma excelente ocupação, e a ele, senão a ti, faria ela todas as concessões imagináveis. Entretanto, fala com ela francamente, e quanto antes melhor. O anel de três contos que ela traz no dedo é um ótimo pretexto para uma explicação urgente, que não deves adiar.

## Cena IX

(Os mesmos, Henriqueta)

HENRIQUETA – Lá foram eles.

RODRIGO (que foi tomar o chapéu e a bengala) – Minha senhora...

HENRIQUETA – Já? Pois não janta?

RODRIGO – Hoje não. Tenho que ir em casa, desarrumar as malas, dar algumas ordens etc. Quem chega de uma longa viagem está morto por se apanhar no seu ninho.

HENRIQUETA – Tens razão, mas espero que considere esta casa como sua.

<sup>28</sup> Escritor russo.

RODRIGO – Muito obrigado. (Aperta sua mão e vai apertar a de Ângelo.) Até amanhã.

ÂNGELO – Até amanhã. (Passa um braço em volta do pescoço e sai com ele.)

## Cena X

(Henriqueta, depois Ângelo)

(Pequena cena muda. Henriqueta vai examinar mais uma vez o chapéu, que ficou sobre a secretária. Depois guarda-o na caixa.)

ÂNGELO – Isto é que é amizade! Rodrigo desembarcou e, antes de ir em casa, veio visitar-nos!

HENRIQUETA – É muito simpático.

ÂNGELO – É um coração de ouro.

HENRIQUETA – Mas não simpatizou comigo.

ÂNGELO – Por que o dizes?

HENRIQUETA – Não sei; pareceu-me que não me olhava com bons olhos. Fiz-lhe talvez má impressão.

ÂNGELO – Suposição tua. (Senta-se.)

HENRIQUETA – Foi talvez a história do Ponciano.

ÂNGELO – Mas também que lembrança a tua! Bem podias guardar aquilo para quando estivéssemos sós.

HENRIQUETA – Eu não o tinha visto. (Indo sentar-se ao lado de Ângelo.) Ele é muito simpático, mas tu... (Dando-lhe um beijo.) Tu és muito mais simpático.

ÂNGELO – Ora graças que me deste um beijo!

HENRIQUETA – Toma outro pela demora.

ÂNGELO (Tomando suas mãos.) – É este o anel que compraste por três contos?

HENRIQUETA – Ah! sim, esqueci-me de mostrar a ti! Vê como é lindo!

ÂNGELO – Mas não achas que isto é caro por três contos?

HENRIQUETA – Caro?... É o preço! Bem sabes que o Esposende é um negociante sério.





ÂNGELO – Não digo o contrário, mas há brilhantes que fazem mais vista e são mais baratos.

HENRIQUETA – Cala-te! Não entendes disto!

ÂNGELO – E tu? entendes?

HENRIQUETA – Mais do que tu.

ÂNGELO – Que necessidade tinhas de comprar este anel?

HENRIQUETA – Que necessidade tinha de o não comprar?

ÂNGELO – Já possuis tantas joias...

HENRIQUETA – As joias nunca são demais: são como as estrelas no céu.

ÂNGELO – Henriqueta, amo-te muito, muito, e não queria dizer-te nada que te pudesse afligir...

HENRIQUETA – É sermão? Deixa-me primeiro mudar de roupa, que são quase horas de jantar.

ÂNGELO – Vem cá... o meu dever é te avisar de uma coisa.

HENRIQUETA – Que coisa?

ÂNGULO – Tu achas que somos mais ricos do que na realidade somos.

HENRIQUETA – Estamos então na miséria?

ÂNGELO – Não, não estamos na miséria, mas lá chegaremos se não encurtarmos as nossas despesas. Quem só possui o que nós possuímos não tem o direito de comprar anéis de três contos.

HENRIQUETA – Ah! ah! ah! Só esta me faria rir! Que grande coisa um brilhante de três contos! Há os de trinta, quarenta e cinquenta contos!

ÂNGELO – De muito mais! O Grão-Mogol, que pertence à coroa da Inglaterra, foi avaliado não sei em quantos milhões de libras esterlina!

HENRIQUETA – Pois bem... não tens do que te zangar... Paga este anel com o dinheiro do meu dote.

ÂNGELO – Já estava demorando o teu dote.

HENRIQUETA – És tu que me obrigas a falar nele!

ÂNGELO – O teu grande dote!

HENRIQUETA – Vamos e venhamos. Não é qualquer vintém: são cinquenta contos de réis!

ÂNGELO – E sabes quanto temos gasto desde que nos casamos?

HENRIQUETA – Espero que não vás agora exigir que me ocupe dessas coisas.

ÂNGELO – Mas é bom que te ocupes. A gente deve saber quanto possui e de quanto pode dispor... Nós fazemos despesas desnecessárias, que devemos cortar.

HENRIQUETA – Quais são elas?

ÂNGELO – Que necessidade temos de carros e cavalos que nos custam os olhos da cara?

HENRIQUETA – Quê?... Tu queres desfazer-te do nosso carro e da nossa caleça?<sup>29</sup> Ah! ah! ah! Deixa-me rir! Que diabo tens tu hoje? Foi com a chegada do teu amigo? Não! por amor de Deus, não me digas, nem brincando, que devemos suprimir os carros! Seria muito ridículo! Que bonita figura nós faríamos! (Abraça-se ao marido chorando.)

ÂNGELO – Não chores, que não te quero ver chorar!

HENRIQUETA – Então para que provocas as minhas lágrimas?

ÂNGELO – Acabou-se, passou; dá aqui um beijo.

HENRIQUETA – Não dou!

ÂNGELO – Dá!

HENRIQUETA – Não dou!

ÂNGELO – Pois não dê; tomo-o à força. (Beija-a.)

HENRIQUETA – Mau! Mal sabes tu que há muitos dias eu estava me preparando para pedir-te um automóvel!

ÂNGELO – Um automóvel? Estás doida! Aonde iríamos nós buscar dinheiro para um automóvel?

HENRIQUETA – No meu dote!

ÂNGELO – Tu sabes quanto custa um automóvel?

HENRIQUETA – O de Chiquinha Gomes custou só quinze contos!

ÂNGELO – E o chofer, os consertos, a gasolina?...

HENRIQUETA – Ora, a gasolina!

ÂNGELO – Ouve, Henriqueta. No Rio de Janeiro, que precisa ainda de muitas avenidas para que nele se possa viver à vontade, como nos grandes centros civilizados, há muita gente que sabe da vida alheia mais do que da própria casa. Tu não sabes quanto possuímos, e muitos estranhos o sabem, como se houvessem revistado as nossas gavetas; e as senhoras que gastam mais do que deveriam gastar são, pelo menos, suspeitadas. Ainda agora disseste que o Ponciano te acompanhou hoje por toda parte, como se foras uma mulher fácil. O Ponciano é um bobo, mas

---

<sup>29</sup> Carruagem de tração animal.

não creias que procedesse com tanta impertinência se alguma coisa não lhe rosnasse a teu respeito.

HENRIQUETA – Que poderão dizer de mim? Sou uma senhora irrepreensível. Gosto de rir, de brincar, mas...

ÂNGELO – Não é o teu riso, nem são os teus brincos que me inquietam: isso é a tua mocidade rebentando em flor. Eu só protesto contra os teus gastos.

HENRIQUETA – Gastos?

ÂNGELO – Sim! Tu gastas como se fosses casada com o rei do petróleo!

HENRIQUETA – Ah! ah! ah! Ainda agora a gasolina, agora o petróleo.

ÂNGELO – Peço-te que desta vez não rias, porque estou falando muito seriamente.

HENRIQUETA – Realmente! Nunca pensei que viesses perturbar a nossa felicidade com uma questão de níqueis.

ÂNGELO – Não são níqueis: são contos de réis que atiras à rua!

HENRIQUETA – Quando desaparecer o último vintém do meu dote, avisa-me. Podes ficar certo de que, esgotados os meus cinquenta contos, não gastarei mais nem um real: só comprarei vestidos de chita e brilhantes montana.

ÂNGELO – Vejo que não há meio de te falar seriamente.

HENRIQUETA – Se eu quisesse tomar a sério tudo quanto tens me dito, não sei o que seria de nós. Não é a primeira vez que me reprovos por causa das minhas despesas, mas hoje me tens dito coisas que nunca ouvi dos teus lábios. Ora, as minhas despesas! As minhas despesas são, no final das contas, as mesmas que fazem todas as senhoras na minha situação.

ÂNGELO – Mas, vem cá, meu amor: tu sabes qual é a tua situação?

HENRIQUETA (Chorando.) – Sei! É a situação de uma pobre mulher que foi amada e já não o é. Pelos modos, o teu amor é a moeda que mais se gasta nesta casa... e a moeda com que tenho pago as minhas loucuras!... Confessa que o teu coração está mais vazio que o teu cofre!

ÂNGELO – Cala-te, Henriqueta, cala-te! Não sabes o que estás dizendo! Amo-te muito, muito, e o meu amor é o mais puro, o mais nobre, o mais desinteressado, o mais cavalheiresco! Eu quisera possuir milhões e bilhões para jogá-los a teus pés e

satisfazer assim a todos os caprichos da tua fantasia! Não! não é com o meu amor que se pagam as tuas **joias** e o teu luxo; se fosse isso, todas as **joias** do mundo seriam tuas; poderias ser a rainha universal da moda, porque a fonte não se esgotaria jamais! Infelizmente, porém, o amor não paga senão o amor; as carruagens, os cavalos, as roupas com que deslumbras quem passa, provocando admiração, inveja e maledicência, são pagos a dinheiro, e o dinheiro corre de uma fonte menos inesgotável que a do amor!

HENRIQUETA – Não me fales em dinheiro, Ângelo; não levantes uma nuvem negra no céu azul da nossa felicidade! Já te disse, usa meu dote. Não falemos mais nisso! Não percamos tempo em discussões odiosas, que é pouco para nos amarmos... Em vez de me repreenderes, acaricia-me: em vez de conselhos, dá-me beijos; são tão bons os teus beijos!... (Depois de se beijarem.) Não alteremos o nosso modo de viver... Temos sido assim tão felizes!... Promete, meu Ângelo, promete que nunca mais me falarás em dinheiro... Promete...

ÂNGELO – Prometo.

HENRIQUETA – Jura!

ÂNGELO – Juro.

HENRIQUETA – Também eu te amo tanto, tanto, tanto.. Não tenho no mundo senão minha mãe, meu pai e tu...

ÂNGELO – Eu não tenho senão tu. (Vendo entrar Pai João.) Minto! Tenho também Pai João.

PAI JOÃO – O zantá z'tá na mesa.

HENRIQUETA – Bonito! O jantar está na mesa e eu não mudei de roupa...

(Cai o pano.)

## Ato segundo

(O mesmo gabinete, três meses depois.)

# Cena I

(Ângelo, Rodrigo)

(Ângelo está sentado à secretária, pondo papéis em ordem. Rodrigo entra pelo fundo.)

RODRIGO – Recebi o teu recado. Aqui estou.

ÂNGELO (Erguendo-se.) – Ainda bem. (Apertando sua mão.) Obrigado.

RODRIGO – Que há?

ÂNGELO – Fiz hoje o que há três meses, no dia em que chegaste da Europa, me aconselhaste que fizesse.

RODRIGO – Desembuchaste?

ÂNGELO – Desembuchei.

RODRIGO – Ora graças!

ÂNGELO – Disse a minha mulher toda a verdade, toda a medonha verdade. Logo que percebeu qual era o assunto da conversa, enfureceu-se. Sabes que eu havia prometido e até jurado nunca mais falar em dinheiro com ela...

RODRIGO – Sim.

ÂNGELO – Não queria ouvir... tentava fugir... Foi preciso que eu a agarrasse pelo pulso e a obrigasse a ouvir tudo!

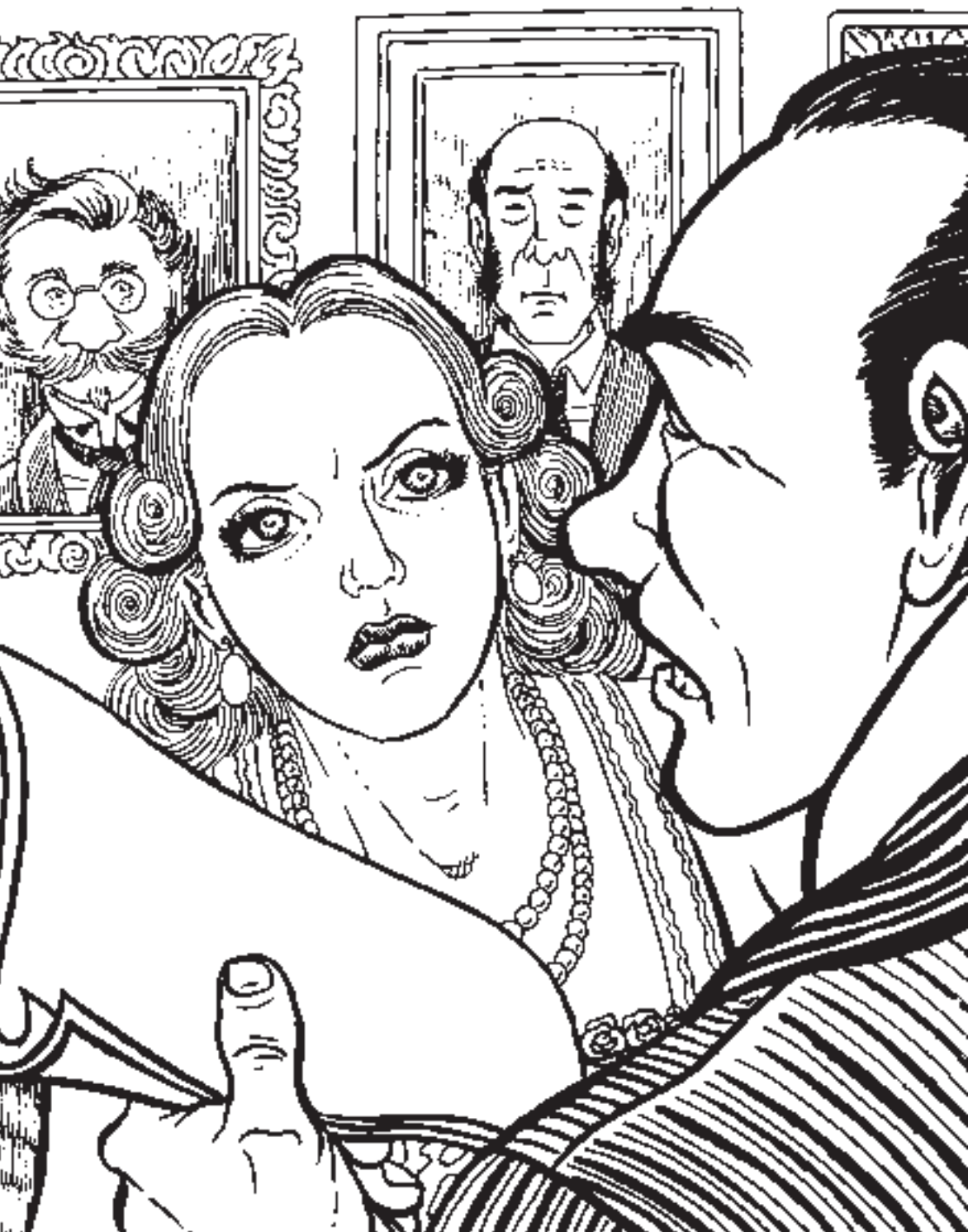
RODRIGO – Nessas condições talvez não ouvisse nada.

ÂNGELO – Ouviu com certeza. Pôs-se a chorar... um choro de raiva... um choro mau, que não conhecia, e me fez descobrir nela, pela primeira vez, alguma coisa que destruíra todo seu encanto feminino. E o seu olhar tomou uma expressão inédita... uma expressão que jamais suspeitei naqueles olhos... uma expressão em que julguei adivinhar, enfim, que a natureza não a fez para mim, nem me fez a mim para ela! Basta um olhar para prender e dominar um homem... outro olhar é bastante para libertá-lo! (Esfregando os olhos como se saísse de um sonho.) Acabou-se!

RODRIGO – E depois desse olhar? Mais nada?

ÂNGELO – Nada mais. Henriqueta foi para o seu quarto e fechou-se por dentro, batendo violentamente a porta. (Pausa, durante a qual os dois amigos passeiam sem dizer palavra.) A minha situação é desesperadora! Isto não pode continuar!

SCHLOSSER



RODRIGO – Naturalmente. O mesmo disse-te eu há três meses. Mas descansa... vejo as coisas bem encaminhadas.

ÂNGELO – Escrevi hoje a meu sogro.

RODRIGO – Em que sentido?

ÂNGELO – Convidando-o para uma conversa sobre negócios de família. Desconfio que nada conseguirei de Henriqueta. Pode ser que seu pai consiga tudo.

RODRIGO – E eu? Para que me mandaste chamar?

ÂNGELO – Para te dizer isso mesmo e perguntar-te se aprovas o meu programa.

RODRIGO – Duvido muito que teu sogro lhe faça ouvir a voz da razão. É um fútil. Em todo caso, é de boa política recorrer ao pai antes de tomar uma resolução extrema. É mesmo por aí que deveríamos ter começado. Não me lembrei disso. Que queres? Eu sou pelos meios violentos, tu és pela conciliação. Bem se vê que és advogado, e eu médico.

ÂNGELO – Achas então, que fiz bem chamando meu sogro?

RODRIGO – Fizeste muito bem. Se ele não se puser ao teu lado, se ele tomar as dores da filha, dize-lhe francamente que pode levá-la.

ÂNGELO – O dote irá depois.

ÂNGELO – Aonde irei eu buscá-lo de pronto?

RODRIGO – No bolso de teu irmão.

ÂNGELO (Apertando sua mão.) – Obrigado.

RODRIGO – Para que servem os irmãos? Quando ficou de vir teu sogro?

ÂNGELO – Estou à sua espera. Creio que não poderá tardar.

RODRIGO – Nesse caso, retiro-me. Voltarei para saber o resultado da conversa. Até logo.

ÂNGELO – Até logo. (Vai sentar-se à secretária e continua a pôr papéis em ordem.)

RODRIGO (Ao sair, encontrando-se com Pai João, que entra.) – Salve, contemporâneo ilustre do primeiro reinado!

PAI JOÃO – Eh! eh! siô doutló Lodligo z'stá senlple blincando (Rodrigo sai.)



## Cena II

(Ângelo, Pai João)

ÂNGELO – Há alguma novidade, Pai João?

PAI JOÃO – Siô moço doutlô inda não pode paglá cocêlo, nem o copêlo, nem o jiadinêlo?

ÂNGELO – Por quê? resmungaram?

PAI JOÃO – Lez'mungalo, si, siô... Dize que se sió moço doutlô não paga hose, ele z'tudo vai se em bola.

ÂNGELO – Que esperem mais três dias! E, se não quiserem, rua! Canalha, que tem sido tão bem paga até hoje!

PAI JOÃO – Pai Zoão zá cingou ele z'ia dentlo... zá disse o diablo a esse z'sem vlegonha. Ola, se seu moço doutlô não tem dinêio, plo que não pede pletado a siô doutlô Lodligo?

ÂNGELO – Não! não me animo! Tenho vergonha de confessar a Rodrigo a miséria a que me deixei arrastar... Mas **tranquiliza**-te, Pai João: estou para receber dinheiro... tenho clientes que me prometeram pagar por estes dias. Depois d'amanhã receberei dois contos de réis.

PAI JOÃO – Ah! é vledade! Tá aí também aquele home...

ÂNGELO – Que homem?

PAI JOÃO – Aquele bonito, que veio s'outlo dia, que usa luneta ledonda num óio só, e meia plo cima de botina, que siô moço doutlô disse que ele ela aziota.

ÂNGELO – Já contava com essa visita. Que chatice! **Manda-o** entrar.

PAI JOÃO – Si, siô. (Vai ao fundo e faz entrar Lisboa. Este é um bonito homem, vestido à moda e com extraordinária elegância. Monóculo. Polainas brancas.)

## Cena III

(Ângelo, Lisboa)

LISBOA – Senhor doutor, tenho a honra de cumprimentar a Vossa Senhoria.

ÂNGELO (Secamente.) – Adeus.

LISBOA (Puxando uma cadeira.) – Peço licença para...

ÂNGELO (Retirando-lhe a cadeira.) – É inútil sentar-se. Em poucas palavras o despacho. (Falando sem olhar para ele e com desenvoltura, como para se ver livre quanto antes de tão desagradável visita.) Ainda hoje não lhe posso pagar, e é muito provável que nem amanhã, nem por estes dias mais próximos. Nada receie pelo seu dinheiro. O juro com que me emprestou a soma foi tão elevado, tão extraordinariamente, tão descaradamente elevado, que uma pequena demora em nada o prejudicará. Tenho esta casa... estes móveis... posso usar das joias de minha mulher... mas não quero hipotecar, nem vender coisa alguma: só lançarei mão do dinheiro que tenho a receber. Espero vencer uma grande causa no Supremo Tribunal. Compreende que eu tenha mais interesse em me ver livre de você, que você de mim. Não me importaria de pagar ainda mais juros para evitar a sua presença.

LISBOA – Era isso mesmo o que eu lhe vinha propor.

ÂNGELO – Isso mesmo o quê?

LISBOA – Aumentar o valor da dívida para não esperar de graça.

ÂNGELO – De graça! Pois ainda lhe parece pouco o que...

LISBOA (Interrompendo-o.) – Entendamo-nos, meu caro doutor. Vossa Senhoria pediu-me dez contos de réis e assinou um título de depósito de quinze... título com o qual, entre nós, posso metê-lo na cadeia em vinte e quatro horas...

ÂNGELO – Se eu não lhe pagar em vinte e três e cinquenta e nove minutos, é exato. Veja você como este mundo é feito... Você, que é um ladrão, pode meter-me na cadeia, e eu, que sou um homem honrado, não posso fazer mais do que estou fazendo... posso apenas cuspir estes insultos na sua cara!

LISBOA – Se Vossa Senhoria me diz coisas tão feias antes de me pagar, que fará quando estivermos quites!

ÂNGELO – Quanto cinismo!

LISBOA – Meu caro doutor, quando um não quer, dois não brigam. Insulte-me à vontade... tem licença para fazê-lo... Quando abracei a infame profissão de emprestar dinheiro a juros, muni-me de toda a coragem, resignação e paciência necessárias para ouvir tudo quanto me quisessem dizer. O dentista é muitas vezes insultado pelo freguês, quando lhe arranca um dente, e não reage. Também eu não reajo. Pagar juros dói, e o insulto é um desabafo instintivo. Um agiota do tempo antigo iria se zangar; mas eu, como vê, sou usurário *art-nouveau*<sup>30</sup>. Não ando sujo nem mal trajado... não tenho a barba por fazer... não uso óculos escuros... não tomo rapé... visto-me no melhor alfaiate, uso os melhores perfumes, sou um elegante.

ÂNGELO (Entre dentes.) – O que você é eu sei.

LISBOA – Vamos! insulte! Insulte, mas pague. Há três dias que os quinze contos deviam estar no meu bolso: não estão ainda... Bem sei que não correm perigo... mas é justo que Vossa Senhoria reforme o título de depósito, dando-me novos interesses.

ÂNGELO – Pois não está satisfeito de me haver emprestado dez contos para receber quinze?

LISBOA – Parece-lhe exagerado o meu lucro? Permita dizer-lhe que isso é preconceito, meu caro doutor. E, se não, veja: Vossa Senhoria disse-me que está patrocinando uma causa quase vencida, e está, que o sei. Por acaso o dinheiro com que vai ser pago representa a justa remuneração, o valor real do seu trabalho? Não! Se lhe aparecesse o mesmíssimo trabalho e lhe rendesse apenas a terça parte do que esta lhe vai render, Vossa Senhoria não a mandaria a nenhum colega pobre.

ÂNGELO – Deixe-me! Preciso estar só.

LISBOA – Mais duas palavras: Vossa Senhoria tem uma doença grave, está em perigo de vida; manda chamar um médico; este vem, salva-o e cobra-lhe cinco... seis... dez contos de réis. Vossa Senhoria paga de cara alegre, porque entende — e entende muito bem — que a sua vida vale muito mais. Entretanto, o homem que cobra cinco contos para salvar sua honra, mais preciosa que a vida, é um ladrão! Veja Vossa Senhoria como este mundo é feito! Creia-me, meu caro doutor, que todos nós rolamos

<sup>30</sup> Lê-se “art-nuvô”. O personagem quer se dizer moderno.



SCHLOSSER

Amor por Anexins e Outros Contos

neste velho planeta, com a mesma preocupação: fazer passar para nossos bolsos o dinheiro que está no bolso dos outros. Ele tem muitos nomes... chama-se juro, honorários, bonificações, comissões, gratificações etc., mas é sempre o mesmo dinheiro; são as mesmas notas que vão e vêm, fogem e voltam deste para aquele maço... desta para aquela mão... fiz como os outros. Vossa Senhoria precisou de dinheiro por estar enforcado. **Procurou-me** como procuraria um médico, se precisasse de saúde por estar doente. Aproveitei, como aproveitaria o médico. Note-se que não ofereci os meus serviços a Vossa Senhoria... foi Vossa Senhoria que me procurou, solicitando esse empréstimo. E peço licença para lembrar a Vossa Senhoria que nessa ocasião não fui insultado.

ÂNGELO – Mas, afinal, que deseja?

LISBOA – Já disse. Ou o pagamento imediato dos quinze contos, ou a renovação do título de depósito.

ÂNGELO – Mais cinco contos?

LISBOA – Não! — eu sou menos ladrão do que lhe pareço. Exijo apenas mais dois contos e quinhentos. (Tirando um papel do bolso.) Aqui está o novo título estampilhado. É só assiná-lo.

ÂNGELO (Indo à secretária.) – Repito: você é um ladrão...

LISBOA – Refinado!

ÂNGELO (Tomando a pena.) – Um salteador...

LISBOA – De estrada!

ÂNGELO (Assinando.) – Uma ferida...

LISBOA – Social!

ÂNGELO – Toma, bandido! Cadê o outro título?

LISBOA – Aqui está. (Trocados os títulos, Ângelo examina o que recebe e rasga-o.)

ÂNGELO – Agora, rua!

LISBOA – Meu caro doutor, sempre às ordens de Vossa Senhoria. (Vai saindo. Entram Ludgero e Isabel. Lisboa cumprimenta-os com muita correção de maneiras e sai.)

# Cena IV

(Ângelo, Ludgero, Isabel)

LUDGERO (Impressionado pela figura de Lisboa.) – Quem é este senhor?

ÂNGELO – Um cliente.

LUDGERO – É um cavalheiro, como direi?... correto.

ÂNGELO – Corretíssimo.

LUDGERO (Apertando a mão de Ângelo.) – Tem passado bem?

ÂNGELO – Menos mal, obrigado.

ISABEL (Depois de apertar a mão de Ângelo.) – E Henriqueta?

ÂNGELO – Boa.

LUDGERO – Recebi o seu bilhete e aqui estou, quero dizer: aqui estamos, porque, como se tratava de uma conferência sobre negócios de família, entendi que devia trazer comigo minha mulher. Fiz mal?

ÂNGELO – Fez muito bem.

ISABEL – Estou assustada. Há alguma novidade?

LUDGERO – Que novidade quer você que haja, minha mulher? Não há novidade alguma! Jesus! as mulheres são todas, como direi?... impressionáveis.

ÂNGELO – Engana-se, doutor: temos uma grande novidade.

LUDGERO – Ah!

ÂNGELO – E eu peço toda sua atenção — e a da senhora — para o que vou dizer. Sentemo-nos. (Sentam-se.)

LUDGERO – Este mistério!... esta solenidade!... (**Erguendo-se** com veemência.) Dá-se o caso que minha filha, esquecendo a honra que deve a si, à família e à sociedade, tenha faltado aos seus deveres, como direi?... conjugais?

ISABEL – Cale-se, Ludgero!... isso é impossível!

ÂNGELO – Diz muito bem. Henriqueta é a mais pura das mulheres. (Ludgero senta-se, **tranquilizado**.)

ISABEL – Onde está ela?

ÂNGELO – No seu quarto.

ISABEL – Incomodada?

Amor por Anexins e Outros Contos

ÂNGELO – Não; amuada.

LUDGERO – Amuada?

ÂNGELO – Zangada, se quiser.

LUDGERO (Rindo.) – Ah! já sei do se que trata. Ciúmes. A pequena desconfiou de alguma coisa... Ande lá! o senhor não é, como direi?... um santo... não caiu do céu por descuido...

ÂNGELO – Ora essa! afirmo-lhe que sou o mais fiel dos maridos.

LUDGERO – Pois sim! No Rio de Janeiro só há um marido fiel.

ISABEL (Sem ironia.) – É você

LUDGERO – Sou eu. (Fazendo menção de levantar-se.) Mas deixa estar, que arranjo tudo!

ÂNGELO (Obrigando-o a sentar-se.) – Não! não se trata de ciúmes. Trata-se de coisa muito mais séria.

LUDGERO – Ah!

ÂNGELO – Minha mulher está zangada por causa de uma explicação que tivemos, ou por outra, que não tivemos.

LUDGERO – Uma explicação?

ISABEL – A que respeito?

ÂNGELO – A respeito das nossas despesas.

LUDGERO – Já?

ÂNGELO – Pergunta se já? Pois todo o meu mal foi não ter tido essa explicação há mais tempo e haver deixado para a última hora, tal qual como no Congresso, a discussão do orçamento. É verdade que sempre chamei a atenção de Henriqueta para as suas despesas excessivas e lhe pedi que as reduzisse... Foi o mesmo que nada!

LUDGERO – O senhor nos fala das despesas de Henriqueta, mas essas despesas não foram feitas pelo casal?... não as realizaram marido e mulher, como direi?... de comum acordo?

ÂNGELO – Não, senhor; nesse particular nunca houve perfeito acordo entre Henriqueta e eu. Ela fez sempre grandes gastos sem que eu soubesse ou contra minha vontade.

ISABEL – Que conversa desagradável!

ÂNGELO – Muito desagradável.

LUDGERO – O dote de minha filha não está, como direi?... salvo?

ÂNGELO – Salvo? (Levantando-se e indo à secretária buscar um maço de contas.) Aqui estão as contas, devidamente

pagas, com os respectivos recibos e as competentes notas, de tudo quanto gastamos depois de casados. (Dando-lhe um papel separado das contas.) Esta é a relação dessas contas, com as parcelas somadas.

LUDGERO (Lendo.) – Cento e oitenta e quatro contos, novecentos e trinta e cinco mil e oitocentos réis! Cáspite!<sup>31</sup> E uma soma, como direi?... grande!

ÂNGELO – Não figuram aí, necessariamente, as despesas de cujos pagamentos não se tem recibo. Sua filha entrou para esta casa com **cinquenta** contos e eu com cento e **cinquenta**, além de tudo quanto de então para cá rendeu a minha banca de advogado. Pois querem saber? Não temos nem mais vintém senão dívidas! (Ludgero e Isabel levantam-se como empurrados por uma mola. Ângelo frisa.) Nem... mais... vintém! (Pausa.)

LUDGERO – E que deseja o senhor?... que eu o auxilie?

ÂNGELO – Não, senhor! Não peço nem desejo absolutamente o auxílio de ninguém. Felizmente não estamos na miséria; apenas suspendemos pagamentos. O nosso ativo é muito mais considerável que o nosso passivo. Temos esta casa livre e desembaraçada, e o que está aqui dentro representa algum dinheiro. E, mesmo que nada tivéssemos, teríamos meu trabalho. Não sou, graças a Deus, um advogado sem causas.

LUDGERO – Se é uma alusão, como direi?... pessoal, **declare-lhe** que, se não advogo, é porque não quero!

ÂNGELO – Não tive a menor intenção de ofendê-lo, mas o doutor que se ofendeu foi porque, com a triste revelação que lhe acabo de fazer, nasceu-lhe imediatamente no espírito certo sentimento de oposição contra mim.

ISABEL – Não há motivo para lhe querermos mal.

LUDGERO – Cale-se, minha mulher! O belo sexo não tem voz ativa neste capítulo! São questões, como direi?... transcendentais! O senhor foi descuidado.

ÂNGELO – Seria preciso ter estado aqui dentro e assistido às lutas que travei com Henriqueta para reconhecer que não houve tal descuido de minha parte. Leve essas contas consigo... vou pô-las dentro do seu chapéu (Faz o que diz.) Examine-as e encontrará nelas a minha justificação. Mas eu não o chamei para pedir-lhe conselhos, pelo menos para mim, nem para ouvir recriminações feitas a mim ou à sua filha. O que lá vai, lá vai, e o

<sup>31</sup> Expressão de admiração ou espanto.



dinheiro que se gastou era meu e dela. Chamei-o para que tente, com a sua autoridade de pai, conseguir o que não alcancei com minha autoridade de marido, porque esse maldito dote sempre foi o obstáculo, a resistência que encontraram todos os meus esforços. Hoje resolvi que a explicação fosse decisiva. Ela **ouviu-me**, enfureceu-se e fechou-se no quarto!

LUDGERO – Mas... que quer o senhor que eu diga a minha filha?

ISABEL – Ora, Ludgero! Diz-lhe simplesmente que ela é pobre e precisa mudar de vida, isto é, viver como pobre e não como rica.

ÂNGELO – O mais é gastar palavras.

LUDGERO – Isto vai ser para a pobre pequena um sacrifício, como direi?... cruel!

ÂNGELO – Maior sacrifício é uma vida de expedientes, humilhações e vergonhas. Aquele cavalheiro correto que saía daqui quando o senhor entrava não era um cliente: era um agiota.

LUDGERO – Um agiota? Ninguém o dirá.

ÂNGELO – Um agiota art-nouveau a quem recorri para um pagamento inadiável de **joias** e farandolagens<sup>32</sup>!

LUDGERO (Como tomando subitamente uma resolução.) – Minha mulher, vamos conversar com Henriqueta!

ÂNGELO — Isso! Conversem com ela, façam-na entrar no bom caminho. Mas o melhor é ela vir aqui. Lá dentro há criados bisbilhoteiros. Vou mandar chamá-la e deixo-os aqui no gabinete à vontade. (Sai.)

## Cena V

(Ludgero, Isabel)

(Ludgero passeia agitado e Isabel senta-se numa cadeira em atitude calma. Longa pausa.)

LUDGERO – Não nos faltava mais nada!

ISABEL – Isto não me surpreendeu. Eu sempre disse que,

<sup>32</sup> Bugigangas.

na minha opinião, Henriqueta gastava mais do que devia.

LUDGERO – Deixe-o falar, minha mulher! Gastava do seu! Examine as despesas pessoais de nossa filha e verá que não chegam aos **cinquenta** contos do dote. Olhe que **cinquenta** contos é, como direi?... é dinheiro!

ISABEL – Não desejo contrariá-lo, mas não concordo. **Cinquenta** contos é dinheiro, é muito dinheiro, não há dúvida, nas mãos de um casal poupado, econômico, sem pretensões de grandezas; mas para quem quer deslumbrar o mundo com seu luxo, **cinquenta** contos é uma pitada de ouro. Nunca achei que aqueles durassem muito.

LUDGERO – Nosso genro não foi homem! Faltou-lhe um pouco de energia, como direi?... máscula!

ISABEL – Foi delicado. Se procedesse por outra forma, seria um bruto, um violento, um mau marido! Devemos reconhecer, infelizmente, que a maior culpa não cabe à nossa filha, senão a nós, e mais a você que a mim, pela educação que lhe demos...

LUDGERO – Eu já sabia que, no final das contas, deveria ser o culpado de tudo!

ISABEL – Pois se Henriqueta parece-se extraordinariamente com o pai! Você é outro arrota-grandezas! Quer que toda gente nos achem ricos, e sabe Deus o que por aqui vai. Se não fosse isso, os nossos velhos anos seriam muito mais **tranquilos**... muito mais felizes... (Erguendo-se.) Henriqueta vem aí.

LUDGERO – Vamos, como direi?... apurar as responsabilidades. (Isabel vai ao encontro de Henriqueta, a quem abraça e beija.)

## Cena VI

(Ludgero, Isabel, Henriqueta)

ISABEL – Como tens os olhos vermelhos, minha filha!

LUDGERO – Estavas a chorar?

HENRIQUETA (Escondendo o rosto no ombro.) – Sou uma desgraçada!

ISABEL – Não digas isso! Desgraçado só é quem perdeu a graça de Deus!

LUDGERO – Mas tu estavas pronta para sair. Aonde ias?

HENRIQUETA – A tua casa.

LUDGERO – Vem cá, senta-te aqui, ao lado de teu pai e de tua mãe, e conversaremos. (Sentam-se. Longa pausa.) Então como foi isso?

HENRIQUETA – Isso o quê?

LUDGERO – O cobre, como direi?... fogo viste, **linguiça**<sup>33</sup>?

HENRIQUETA – Que queres tu? Não nasci para ser rica; devo aceitar a miséria.

ISABEL – A miséria, não, minha filha; não fale assim, que Deus pode castigar-te. Teu marido ganha muito dinheiro. É um advogado feliz.

HENRIQUETA – Ele é feliz; eu não o sou.

ISABEL – Porque não quiseste sê-lo, porque não te conformaste com a tua situação. O resultado não podia deixar de ser este.

HENRIQUETA – Não creio, não posso crer que os meus trapos e meus enfeites custassem mais que a importância do meu dote.

LUDGERO – Não sei; só sei que vocês gastaram em ano e meio de casados mais de duzentos contos de réis. Estão, como direi?... arruinados.

HENRIQUETA – É impossível que gastássemos tanto dinheiro!

LUDGERO – As contas estão ali dentro do meu chapéu... vou examiná-las em casa.

HENRIQUETA – Admira-me que tu, com a tua idade, e sendo um homem formado, acredites em contas. (Ângelo aparece à porta e ouve sem ser visto.)

---

<sup>33</sup> Antigo provérbio português, que significa “era uma vez”.

# Cena VII

(Os mesmos, Ângelo)

LUDGERO – Queres tu dizer que aquelas são, como direi?... fantásticas?

ISABEL – Que **ideia!**

HENRIQUETA – Não tenho provas que me autorizem a duvidar da honestidade de meu marido, mas — francamente — não acredito que em tão pouco tempo gastássemos conosco, só conosco, duzentos contos!

LUDGERO – Duzentos... e mais alguns!

HENRIQUETA – Duzentos contos em quê, não me dirão? A despesa mais considerável que fizemos foi a compra e os preparos desta casa. O mais pouco foi. Não demos bailes, não fomos à Europa, e o luxo, isto que se chama luxo, o verdadeiro luxo, jamais o conheci. Duzentos contos! qual é a família que no Rio de Janeiro gasta tanto dinheiro em tão pouco tempo?

ISABEL – Mas vem cá, minha filha, que necessidade tinha teu marido de forjar dívidas fantásticas? Ele não é nenhum negociante falido.

LUDGERO – Sim, o grande caso é que o dinheiro desapareceu, diz ele, e eu acredito.

HENRIQUETA – Também eu, mas o interesse de meu marido é atribuir a nossa ruína ao que ele chama as minhas loucuras, e ocultar as suas.

LUDGERO – As suas? Pois teu marido praticou loucuras?

HENRIQUETA – É uma coisa que está a entrar pelos olhos!

LUDGERO – Ele joga?

HENRIQUETA – Não é de jogo que se trata, mas de mulheres.

ISABEL – Tira daí o pensamento, minha filha! És injusta para com teu marido e para contigo mesma.

LUDGERO (Abalado.) – Deixe-a falar, minha mulher!

HENRIQUETA – Mamãe disse-me sempre que meus ciúmes eram infundados, mas eu bem percebia que Ângelo me enganava.

LUDGERO – Ele tinha uma amante?

HENRIQUETA – Uma ou mais de uma! Sei lá!...

LUDGERO – Mas quem é ela?

HENRIQUETA – Como queres tu que eu saiba? Ele nunca me disse! Mas há coisas que uma esposa, e principalmente uma esposa que ama, como eu o amava, adivinha sem precisar ver nem ouvir nada!

ISABEL – Isso é doença!

HENRIQUETA – Logo depois de casada, comecei a desconfiar das suas longas ausências... das horas e horas passadas à noite fora de casa, em misteriosos lugares, de onde voltava fatigado e sonolento. Para tudo arranjava desculpa. Era uma sessão no Instituto dos Advogados... era uma conferência com tal ministro... era uma visita ao juiz que estudava uns autos... era isto, era aquilo, mas o que era sei eu! Esse homem abusou cruelmente da minha ingenuidade e agora quer fazer de mim a única responsável pela situação em que nos achamos!

LUDGERO – Que diz você disto, minha mulher?

ISABEL – Digo que nossa filha está doida. Se ele voltava para casa fatigado e sonolento, era por ter trabalhado muito. Ângelo é um trabalhador.

LUDGERO – Pois olhe, eu dou razão a Henriqueta. Ela expôs a situação com muito critério, e com uma clareza, como direi?... esmagadora!

ISABEL – Cale-se, homem de Deus! O que você está fazendo é horrível! Não foi para isso que viemos a esta casa! Pois, em vez de tirar estas fantasias mórbidas do cérebro de sua filha, você concorda em que julgue tão mal o marido? Raciocinemos um pouco. Ângelo gostava muito de Henriqueta. Sem isso não se teria casado. Não o fez certamente atraído pelo grande dote de **cinquenta** contos, pois não lhe faltavam noivas mais ricas, se ele as quisesse. Não foi o teu dote, minha filha, mas os teus dotes que o seduziram. Como se pode acreditar que um homem, logo depois de casado nessas condições, comece a enganar a mulher? Isso não entra na cabeça de ninguém! E, demais, se Ângelo foi tão econômico em solteiro, não é possível que só depois de casado desse em gastador.

LUDGERO – Ora, minha mulher, você não conhece os homens.

ISABEL – Nem você as mulheres, que são mais misteriosas.

LUDGERO – Já lhe disse que o meu desejo era apurar as responsabilidades. Que razão tem você para meter a mão no fogo pelo nosso genro? Pois saiba que em solteiro foi um terrível, um

conquistador, e depois de casado... não sei, mas não se livra da fama de ter tido um, como direi?... um namoro com a Dobson, e os namoros com a Dobson não custam menos de trinta contos.

ISABEL – Isso é uma calúnia miserável! Se teu marido te enganasse, minha filha, não seria com a Dobson, uma desgraçada mãe de família que é de quem a queira e possa gastar algumas centenas de mil-réis. Isso de trinta contos é uma história. A Dobson é muito mais modesta.

LUDGERO – Pois, se não foi a Dobson, foi outra, ou foram outras, mas não há dúvida que andaram nisto mulheres.

HENRIQUETA – Ainda bem que papai me dá razão. Ele sabe da vida mais que tu, mamãe, que és boa e julgas a todos por ti. Se eu já não estivesse convencida das infidelidades de Ângelo, bastariam as palavras de papai para me abrir os olhos.

ISABEL – Pois pode papai limpar a mão à parede: fê-la bonita!

HENRIQUETA – Mas não! não era preciso outro aviso senão do meu próprio amor. Mulher nenhuma poderia ocupar em segredo o meu lugar no coração daquele homem.

LUDGERO – Querer arrancar do espírito de Henriqueta a convicção em que ela está, convicção que é também minha, é considerá-la, como direi?... uma estúpida! (Erguendo-se.) Nossa filha está sob o peso de uma acusação tremenda, a de ter arruinado um homem como uma qualquer! É preciso que se saiba que esse homem... (Voltando naturalmente o rosto, vê Ângelo e fica embaraçado.) Ah! estava aí?... (Isabel e Henriqueta levantam-se.)

ÂNGELO – Ouvi tudo sem querer. Vejo que meu processo está feito e a minha sentença lavrada. Não lhe ponho empecilhos. Curvo a cabeça. Dom Juan desce aos infernos!

ISABEL – Desculpe-os, Ângelo!... Minha filha está fora de si... meu marido endoideceu!... O senhor está muito acima de tais insinuações!...

ÂNGELO – Peço à minha advogada que não continue a defender um réu confesso. Tudo quanto aqui se deu é a pura verdade. Tenho tido muitas amantes depois de casado... não a Dobson, que só conheço de vista, mas outras muitas, muitíssimas. Para pagar os beijos dessas mulheres, esbanjei o melhor do meu patrimônio, inventei despesas fantásticas. Sou um vicioso, e o vício é caro, muito caro, custa contos e contos de réis. O amor é baratinho, mas não bastava aos meus instintos.

Amor por Anexins e Outros Contos

Ainda agora o senhor dizia que é o único marido fiel do Rio de Janeiro, e eu sabia que meu sogro era, realmente, uma pessoa rara, o homem virtuoso e puro por excelência; quis imitá-lo, mas a minha educação, o meu caráter, o meu temperamento, os meus hábitos, a minha debilidade moral não permitiram que na mesma família figurassem dois fenômenos iguais. (Pausa. Ninguém responde. Henriqueta parece uma estátua.) Agora, só nos resta tratar do divórcio, (Henriqueta estremece) e quanto antes, para que na sua família não permaneça por mais tempo um criminoso da minha espécie.

ISABEL – Fala em divórcio! Meu Deus! Enlouqueceram todos!...

LUDGERO (A Ângelo.) – Em vez de ajoelhar-se, humilhado aos pés de sua esposa, pedindo-lhe perdão de a ter acusado de faltas cuja responsabilidade moral deveria ser, como direi?... recíproca, o senhor procura, com um pouco de ironia fácil, destruir o mau conceito em que poderá ser tido como cabeça do casal: mas nem minha filha nem eu nos deixamos levar por esse artifício, e, uma vez que o senhor falou em divórcio, fique sabendo que Henriqueta não quer outra coisa!

ISABEL – Ludgero, veja o que estás dizendo!...

ÂNGELO (Aproximando-se de Henriqueta.) – Isso é verdade?... Quer separar-se de mim? (Henriqueta não tem um gesto.) Responda!

HENRIQUETA (Sem olhar para ele.) – Assim é preciso.

ÂNGELO – Por quê?

HENRIQUETA (Idem.) – Porque estamos incompatibilizados um com o outro. Daqui por diante a nossa vida seria um inferno.

ÂNGELO – Diga antes que não lhe sorri a **ideia** de viver modestamente e tem medo da sociedade que vai assistir satisfeita ao leilão das nossas carruagens e tripudiar sobre os destroços do nosso luxo ridículo! É ainda a sua vaidade que fala... O amor, esse desapareceu com o último níquel! (Henriqueta estremece.)

LUDGERO – O senhor insulta a minha filha!...

ÂNGELO – Sua filha... Sim, é bem sua filha, mas é minha mulher, e os meus direitos sobre ela são tão sagrados que o senhor não poderia intervir neste conflito doméstico, se não fosse a minha indesculpável patetice de supor que, não o seu critério de homem, mas o seu amor de pai poderia influir para uma conciliação que era todo o meu desejo.

HENRIQUETA – Não minta! Todo seu desejo era ver-se livre de mim!

ISABEL – Henriqueta, cala-te.

HENRIQUETA – Não! não me calo! Não quero continuar a ser uma vítima resignada e tola!... Uma conciliação!... Tem graça!... Pois não é que ele supõe que ainda o amo... que ainda o posso amar?... (Rindo.) Ah! Ah! Ah! Como se fosse possível amá-lo depois do que ele me fez... e depois do que acabo de ouvir! Não, não, mamãe! eu já não o amo!... Eu... odeio! (Ri, mas o riso transforma-se em pranto, e ela cai nos braços de Isabel, desfeita em lágrimas.)

LUDGERO – Aqui tem sua obra!... O senhor é capaz de matá-la!... Oh! mas, se assim for, saberei, como direi?... vingá-la!... Vamos, Henriqueta! Vem para casa de teu pai!... (Rodrigo aparece à porta do fundo e ouve sem ser visto.)

## Cena VIII

(Os mesmos, Rodrigo)

ÂNGELO – Isso!... Leve-a, leve-a consigo, e que eu nunca mais lhe ponha a vista em cima! Vou lhe mandar hoje mesmo as joias, as roupas e o dote, esse desgraçado dote, que foi a causa de toda a nossa desgraça!

LUDGERO (Rindo.) – Acredito que o senhor lhe mande as joias e as roupas; mas o dote...

RODRIGO (Aproximando-se de Ludgero e estendendo-lhe um maço de notas do Banco.) – O dote pode o senhor levá-lo já. Aqui está ele em cem notas de quinhentos mil-réis cada uma. E bom conferir. (Ludgero, sem reação, recebe maquinalmente o maço de notas. A Ângelo.) Eu já contava com isso... O dinheiro estava de prontidão.

LUDGERO (Perplexo.) – Mas...

RODRIGO – O senhor está perplexo; entretanto, não há nada mais, como direi?... mais natural. Seria deselegante para



SCHLOSSER



o meu amigo que dona Henriqueta saísse desta casa sem levar o seu dote.

LUDGERO – Quer um recibo?

RODRIGO (Rindo.) – Mande-o quando receber o resto.

ISABEL – Ludgero, não tem feito senão besteira! Devolva esse dinheiro!

LUDGERO – Minha mulher, você não se meta onde não é chamada! Vamos embora!...

ISABEL – Não! Isto não pode ficar assim!

LUDGERO – Ande para a frente com sua filha! Vamos! (Vai buscar o chapéu e põe as contas debaixo do braço. Henriqueta e Isabel encaminham-se para a porta. Ao sair, Henriqueta volta-se para Ângelo. O pai empurra-a para a porta. Ângelo dá um passo para ela; Rodrigo toma-o pelo braço, impedindo-o de prosseguir. Saem Ludgero, Isabel e Henriqueta.)

## Cena IX

(Rodrigo, Ângelo)

(Rodrigo vai até a porta verificar se naturalmente eles se foram. Ângelo cai abatido numa cadeira, escondendo o rosto nas mãos.)

RODRIGO (Voltando, alegre.) – Ora, muito bem! Já se respira nesta casa!... Agora é tratar de liquidar tudo isto, pôr a vida em ordem e começar de novo!... (Vendo Ângelo abatido.) Então, que é isso? Coragem! Levanta-te! Vamos fazer um inventário das roupas e das joias e mandar-lhes tudo! Amanhã mesmo trataremos do leilão. Tu irás morar comigo em Santa Teresa. Lá está ainda o teu quarto. (Ângelo começa a chorar convulsivamente.) Ângelo! meu irmão! que quer isto dizer?...

ÂNGELO – Isto quer dizer que a amo... que a amo mais do que nunca!

(Cai o pano.)

## Ato Terceiro

(Terraço da casa de Rodrigo, em Santa Teresa, com uma balaustrada<sup>34</sup> ao fundo e o panorama da cidade. Porta à direita. Trepadeira à esquerda. cadeiras de jardim. E ao cair da tarde. Ainda é dia claro, mas durante o ato anoitece pouco a pouco e a cidade ilumina-se.)

### Cena I

(Ângelo, Pai João)

(Ao levantar o pano, Ângelo, estirado numa espreguiçadeira ao fundo, junto da balaustrada. Pai João de pé junto dele, contempla-o com carinho.)

PAI JOÃO – Nôte z'tá flesca. Se siô moço doutló pudesse dlomi um bocadinho, ela bem bom.

ÂNGELO – Dormir... quem me dera!...

PAI JOÃO – Cando sió moço doudô ela cliança, Pai Zoão cantava, e siô moço doutlô dlomia logo.

ÂNGELO – Ainda te lembrás das cantigas com que me adormecias?

PAI JOÃO – Non sabe... Naquele tempo Pai Zoão podia cantá... inda ela zente... depose ficou ton velo... ton velo... que non tem mase voze... Mas se sió moço doutlô tivesse filinho, Pai Zoão reclodava toda zi cantiga... pala adlomecê filinho de siô moço doutló...

ÂNGELO – Experimenta, Pai João... vê se te recordas... Faz de conta que ainda sou pequenino... Parece-me que, se cantasses, eu adormeceria, como outrora.

PAI JOÃO – Déssa vlê. (Recordando-se.) Um... um... um... Tá bom, Pai Zoão vai cantá cantiga de pleto-mina.

---

<sup>34</sup> Fileira de balaústres formando grade de parapeito ou corrimão.

ÂNGELO – Canta.

PAI JOÃO (cantando.) – Pleto-mina quando zeme

No zemido ninguém clê

Os palente vai dizendo

Que não tem do que zemê.

Pleto-mina quando çola

Ninguém sabe ploque é.

Os palente vai dizendo

Que cicote é que ele qué

Pleto-mina quando mole

E começa aplodecê,

Os palente vai dizendo

Que ulubú tem que comê.

## Cena II

(Os mesmos, Rodrigo)

RODRIGO (Entrando.) – Canta-se, Pai João?

PAI JOÃO (Vivamente, impondo-lhe silêncio.) – Psiu!... Tá dlumindo... Passou essa z'nóte turo em clalo... pegou no sono agolinha memo... Zá viu? Cantiga de cativêlo simple sleve p'laguma côsa. Péla aí. (Sai.)

RODRIGO – Pobre Ângelo! (Pai João volta com uma colcha, com que cobre carinhosamente as pernas de Ângelo.) Com que então, a sua música faz dormir, hein, Pai João? Não é um elogio para ela... É verdade que o mesmo acontece a muitas composições de autores célebres.

PAI JOÃO (Descendo.) – Siô moço doutló tá passonado pela siá Henlicleta... non pode vivlê sem ela!...

RODRIGO – Que não pode! Isso passa!

PAI JOÃO – Non passa, non. Felida de mulé não sala.

RODRIGO – As únicas feridas que não saram são as da honra. Ele vivia num inferno... não digo que viva agora num céu aberto, mas está melhor assim.

PAI JOÃO – Vivia, mas agola non vive mase, que isto non é vida. E dêssa lá, sió doutló Lodligo, siá Henlicleta é munto boa...

se non tem zuízo, culpa non é dela, mase de pai dela, que non z'educou ela delêto.

RODRIGO – Pois sim. Mas uma senhora sem juízo não pode fazer feliz um homem de bom-senso. O divórcio amigável foi requerido há trinta dias. Divórcio amigável... aí estão duas palavras que nunca esperei ver juntas. O juiz recebeu o requerimento e deu às partes vinte dias para refletirem.

PAI JOÃO – Tenho pena que non se alanze turo sem sepalá pala simple duase cleatula que parecia memo fetinha pala se quelê bem.

RODRIGO – Deixe-se você de pieguices. O seu senhor moço doutor já não deve nada a ninguém... Com o produto da casa e dos móveis, vendidos particularmente a um ricao providencial que os namorava, pagou os **cinquenta** contos que entreguei ao sogro e mais trinta e tantos que devia. Ficou com as mãos a abanar, é verdade, mas tem a sua profissão, que é lucrativa. Pode muito bem viver sem mulher que o mortifique. Sofre de insônias? anda tristonho? não se alimenta? Tudo isso passa, Pai João. Vá você com o que lhe digo!

PAI JOÃO – Non passa, non, sió doutlô Lodligo há de vlê. (Toque de campainha.) Quem selá? (Sai. Rodrigo aproxima-se de Ângelo e contempla-o. Pai João volta.) É uma senhora cobleta com véu... Pleguntou plo siô moço doutlô... eu disse que ele tava dlomindo e eu non aclodava ele... então pleguntou plo... Olá! Ela tá aí! (Entra Isabel, coberta com uma mantilha.)

## Cena III

(Ângelo, dormindo, Pai João, Rodrigo, Isabel)

RODRIGO (Indo ao encontro de Isabel, sem a reconhecer.)  
– O doutor Ângelo está dormindo, minha senhora. Como tem passado noites e dias em claro, e aquele sono é um benefício, não convém despertá-lo, seja sob que motivo for. Quem é a senhora?... que deseja?... (Isabel descobre-se.) Oh! A senhora aqui!

ISABEL – Sim, sou eu.

RODRIGO (Oferecendo-lhe uma cadeira em que ela se senta.) – Mas como?...

ISABEL (Adivinhando a pergunta e adiantando-se.) – Estamos aqui perto, no hotel da Vista Alegre, minha filha, meu marido e eu. Soube hoje, por acaso, que meu genro... Ainda posso chamá-lo de meu genro?

RODRIGO – Sem dúvida.

ISABEL – Soube que ele estava aqui. Vim vê-lo. Preciso falar com ele.

RODRIGO – A que respeito, minha senhora? Perdoe a minha indiscrição, mas... sabe que sou o maior amigo de Ângelo.

ISABEL – Se é o seu maior amigo, ajude-me a salvar minha filha.

RODRIGO – Como assim, minha senhora?

ISABEL – Arrepentida de tudo quanto praticou, Henriqueta não pode suportar a separação que aceitou sem refletir. Parece-me gravemente enferma. O médico aconselhou-nos que a trouxéssemos para Santa Teresa, onde estamos desde ontem. Mas não é de mudança de ares que ela precisa, senão do marido de quem se separou sem motivo.

RODRIGO – Sem motivo não, minha senhora. Desde que num casal os gênios não se liguem, as vontades não se combinem, as opiniões discordam, a mulher veja e sinta as coisas de um modo, e o marido de outro, motivo há, e mais que suficiente, para uma separação.

ISABEL – Não me diga isso! Eu tenho vivido em paz com meu marido durante vinte e três anos, e jamais concordei com ele. O que fiz para chegar a esse resultado foi submeter-me, embora muitas vezes protestando, a tudo quanto ele dizia e fazia. Ainda nesta questão, em que minha filha foi estupidamente sacrificada por seu próprio pai, ele estimulava o escândalo, ao passo que eu daria a vida para evitá-lo.

RODRIGO – Daria a vida para evitá-lo, mas conformou-se, obedeceu, submeteu-se. E o mesmo sucederia a dona Henriqueta, se voltasse para a companhia de Ângelo. Ou se submetia ou, de novo, se separava. Em ambos os casos é melhor que as coisas fiquem do jeito que estão. Foi uma solução, e, depois de uma solução, nada mais há que fazer.

ISABEL – Que interesse tem o doutor em que esse casal esteja separado?

RODRIGO – O mesmo interesse que teria em vê-lo cada vez mais unido se fosse um casal feliz. É o interesse do amigo... do amigo íntimo.

ISABEL – Mas o amigo íntimo não é para isso que serve.

RODRIGO – Bem sei que muitas vezes só serve para ser o amante da mulher do outro; mas eu não pertencço, felizmente, a semelhante espécie de amigos íntimos. A amizade para mim é um objeto de adoração.

ISABEL – Pode-se dizer que o doutor tem ciúmes do seu amigo...

RODRIGO – Ciúmes? Quem sabe? Conheço-o desde pequeno. É um rapaz talentoso, bem preparado, de muito futuro, que eu não quisera ver perdido.

ISABEL – Perdido por quê?

RODRIGO – Pois imagine a senhora que um homem possa trabalhar e prosperar vivendo em luta aberta com seu orçamento, sacrificado a essa funesta mania de aparentar recursos que não existem, obrigado a pregar calotes, a viver do dinheiro alheio? Ângelo e Henriqueta só poderiam ser felizes se tivessem um bebê, mas foram tantos os bailes, as recepções, os espetáculos etc... que pelos modos não tiveram tempo de tratar disso.

ISABEL (Enxugando os olhos.) – Minha pobre filha!

RODRIGO – Mas que tem ela?... qual é a sua enfermidade?...

ISABEL – Não sei. O médico não nos quer assustar, mas o meu coração de mãe adivinha que ela está muito doente. Tem constantes desmaios... perde os sentidos... delira, pronunciando sempre o nome do marido...

RODRIGO (Como se falasse consigo.) – Desmaios... Quem sabe?... Oh! se assim fosse... (Erguendo-se como quem toma urna decisão repentina.) A senhora permite que eu vá examiná-la? Também eu sou médico, embora não pareça.

ISABEL – Pois não.

RODRIGO – Então vamos.

ISABEL – E... e ele? (Aponta para Ângelo.)

RODRIGO – Deixemo-lo entregue àquele sono reparador.

ISABEL – Não é o senhor o médico que eu vinha buscar.

RODRIGO – O outro não atende a chamados neste momento. Mas diga-me: por que a senhora veio a esta casa, e não seu marido, a quem seria mais apropriada semelhante tarefa?

ISABEL – Não me fale em meu marido! Está incapaz de

tomar uma resolução! Já era um pobre de espírito... Depois daquele dia fatal, em que com tanta inconsciência recebeu os **cinquenta** contos das suas mãos, perdeu a cabeça!

RODRIGO – Não vale a pena pôr um anúncio... não se perdeu grande coisa.

ISABEL – O exame das contas demonstrou claramente que Ângelo não dissera senão a verdade... A maior parte do dinheiro foi empregado no que ele chamava os alfinetes da filha... E qual não foi a nossa surpresa e a nossa vergonha, encontrando entre aqueles documentos, uma apólice de seguro de vida, feito por ele em favor de Henriqueta! Um seguro de **cinquenta** contos!

RODRIGO – Justamente a importância do dote...

ISABEL – Ainda agora, quando soubemos que Ângelo estava aqui, a dois passos do hotel, pedi a meu marido que viesse... Ele hesitou... e então eu, desesperada, pus esta casaca e saí, convencida de que vinha buscar a vida de minha filha.

RODRIGO – Em vez de lhe levar o marido, a senhora leva-lhe um médico. No estado em que se acha, é talvez mais prático. Amanhã conversaremos. Por enquanto, é preciso saber ao certo o que ela tem. Vamos!

ISABEL (Com um suspiro.) – Vamos!

RODRIGO (Ao Pai João.) – Eu volto já. (Saem Rodrigo e Isabel.)

## Cena IV

(Ângelo, Pai João)

ÂNGELO (Despertando.) – Pai João, a tua cantiga fez-me dormir... como outrora.

PAI JOÃO – Mas se siô moço doutló dlomiu pouco, Pai Zoão canta otla veze...

ÂNGELO – Não! não é preciso! Vou para o meu quarto. (Vai erguendo-se e repara na colcha que envolve suas pernas.) Quem me cobriu com esta colcha? Tu?

PAI JOÃO – Quem havela de sê?



ÂNGELO (De pé.) – Como és bom! Que santa velhice a tua! Que alma branca, tão alva como os teus cabelos, se esconde na negridão do teu corpo! Ficou em ti, sinto-o no coração, alguma coisa de minha mãe, que viste nascer e morrer. (Outro tom.) Não achas que estou poeta, Pai João?

PAI JOÃO – Asso, si, sió. Foi ploquê sió moço doutlô dlorniu... É tão bom dlomí!

ÂNGELO – Não; é porque a noite está belíssirna... Como é bonita e como é grande a minha terra! (Aproximando-se da balaustrada.) Vê, Pai João! a cidade lá embaixo parece dormir **tranquila** entre estas montanhas... e, no entanto, quanta luta, quanta paixão, quanto sofrimento por baixo daqueles telhados mudos!

PAI JOÃO – Há de turo, siô moço doutlô... Unse çola, otlo z'li... Unse bliga, otlo z'quele bem... Há de turo.

ÂNGELO – Uns brigam, outros se querem bem... É verdade, Pai João... mas os que se querem bem acabarão brigando, e os que brigam brigarão sempre.

PAI JOÃO – Semple non, siô moço doutló. Nosso Senhô tá lá no céu viziando, e quando ele quê, bliga turo acaba!

ÂNGELO – Tu és otimista.

PAI JOÃO – Pai Zoão é quê, sió moço doutló?

ÂNGELO – Otimista! Vês tudo pelo melhor. (Descendo.) Rodrigo está em casa?

PAI JOÃO – Non, siô; saiu.

ÂNGELO – Saiu? Admira! Nunca sai à noite.

PAI JOÃO – Saiu com... Pai Zoão non sabe se deve dizê.

ÂNGELO – Com quem?

PAI JOÃO – Com siá Dona Isabé.

ÂNGELO – Com minha sogra?

PAI JOÃO – Si, siô.

ÂNGELO – Sonhaste?

PAI JOÃO – Non sonou, non, siô moço doutlô. Siá Dona Isabé z'teve aqui.

ÂNGELO – Aqui!

PAI JOÃO – Teve, si, siô... vinha falá com siô moço doutlô... mas siô doutlô Lodligo non quíse clodá siô moço doutló.

ÂNGELO – Que veio ela fazer aqui?

PAI JOÃO – Non sê. Ele'zi falam bassinho pala siô moço doutlô non clodá... e Pai Zoão que z'tava ao pé de siô moço

doutló non ouviu nada. Palecia que ela disse que siá Henlicleta z'tava doente, e anton siô moço doutlô foi vlê siá Henlicleta.

ÂNGELO – Doente? Ela está doente! Doente de quê?

PAI JOÃO – Pai Zoão non sabe, mase desconfia que é da mêma doença de siô moço doutlô.

ÂNGELO – Meu Deus! Como poderei saber!

PAI JOÃO – Non fica flito; siô doutlô Lodligo quando saiu z'disse que vlotava zá.

ÂNGELO – Já? Mas como poderá voltar já, se ela mora tão longe? (Caindo numa cadeira.) Doente! doente!...

PAI JOÃO – Sossega, siô moço doutlô, sossega... Dêça siô doutlô Lodligo vlotá

ÂNGELO – Doente!... E eu longe dela!... Separado dela!... (Erguendo-se.) Não! decididamente não resisto!... É uma tortura terrível!... é uma provação muito superior às minhas forças! Não posso viver sem ela!... É minha mulher, pertence-me... Rodrigo que vá para o diabo com suas **ideias** de independência e liberdade! Quero ser desgraçado... trabalhar noite e dia sem descanso para sustentar o seu luxo... endividar-me... pregar calotes... sofrer penhoras e vergonhas, mas quero viver com ela!... É preciso que Rodrigo, ao voltar, encontre aqui, formidável, impetuosa, esta revolta do meu amor! Não quero que ele continue a dominar-me! Não sou nenhuma criança! Ela doente, doente e não posso voar para o seu lado! (Senta-se a soluçar.)

PAI JOÃO – Sossega... sossega...

ÂNGELO – Cala-te, Pai João, tu não sabes o que é isto! Amaste muito, mas nunca amaste uma mulher que te arrancararam dos braços.

PAI JOÃO – Pai Zoão teve sua placela... e quise munto bem a ela. Siá Henlicleta tá aí, tá viva... a placela de Pai Zoão moleu... moleu na senzala... no braço de Pai Zoão... Pai Zoão çolou munto... mase non pledeu zuízo... Sossega, siô moço doutlô, sossega!

ÂNGELO – Como queres tu que eu sossegue? Se ela tivesse morrido, como a tua parceira, eu talvez me consolasse com mais facilidade do que sabendo que ela está viva e separada de mim, sem que para isso houvesse um motivo de honra! (Chorando.) Oh! Henriqueta! Henriqueta!

## Cena V

(Os mesmos, Rodrigo)

RODRIGO – Ângelo! Ângelo!

ÂNGELO – Ah! és tu? Onde foste? Viste-a? Falaste com ela? Como está ela? Dize-me, dize-me tudo!

RODRIGO – Venho trazer-te uma bela notícia: tua mulher vem aí!

ÂNGELO – Ah!

RODRIGO – Eu vim na frente para preparar-te. É o que estou fazendo! Pronto! Estás preparado! (Ângelo, sem responder, sorri e abraça-o.) Vais cair das nuvens: fui o primeiro a promover esta reconciliação. As coisas mudaram inteiramente de face...

ÂNGELO – Mas Henriqueta onde estava?

RODRIGO – Ali no Vista Alegre... com os pais... Dona Isabel veio aqui, disse-me que ela estava doente... fui vê-la.

ÂNGELO – E então? o seu estado é grave?

RODRIGO – Grave, não: interessante.

ÂNGELO – Interess...? (Compreendendo.) Sério? Ela está?

RODRIGO – Está, sim! Não vês a minha alegria? Agora que vocês vão ter um filho, conto que serão felizes!

PAI JOÃO – Um filo... Pai Zoão vai vlê nascê mase um!

ÂNGELO – Mas onde está ela? (Dá um passo para sair.)

RODRIGO (Empatando sua passagem.) – Não é preciso. Os pais vêm trazê-la. Olha! eles estão aí! (Falando para dentro.) Façam favor! Venham cá para o terraço. (Entram Isabel e Ludgero, este desconfiado.)

SCHLESSER



## Cena VI

(Ângelo, Pai João, Rodrigo, Ludgero, Isabel)

LUDGERO – Meu genro, minha mulher e eu viemos, como direi?... devolver Henriqueta ao seu marido. Pedimos-lhe que a aceite. Fui muito injusto com o senhor, mas espero que me perdoe, lançando sobre o que se passou o véu do esquecimento. Aqui tem minha mão.

ÂNGELO – Aperto-a de bom grado.

ISABEL – Ângelo! (Estende sua mão.)

ÂNGELO – Minha boa advogada! (Beija sua mão.)

LUDGERO – As contas que o senhor me deu a examinar, são uma prova, como direi?... concludente da sua lealdade.

ÂNGELO – Espero que, de hoje em diante, meu sogro me tenha em melhor conta e acredite que no Rio de Janeiro não é ele o único marido fiel à sua esposa.

LUDGERO – Somos nós dois. Duvido que haja mais algum.

ISABEL – Vamos devolver amanhã o dote de Henriqueta.

RODRIGO – Isso não! Ângelo só continuará a ser seu marido sob condição de ela não trazer o dote.

ÂNGELO – Naturalmente.

ISABEL – Mas nós não podemos concordar..

LUDGERO – Aí vem você, minha mulher! Ele não quer! Deixa-o!

RODRIGO – O dote eu darei ao meu afilhadinho, daqui a nove meses, no dia em que ele nascer.

PAI JOÃO – Pai Zoão vai reclodá todase sua z'cantiga!

ÂNGELO – Mas... Henriqueta? É Henriqueta que eu quero!

ISABEL – Agora podemos chamá-la.

RODRIGO – Não! Retiremo-nos todos... e a mandemos aqui para o terraço. Não perturbemos com a nossa presença a renovação de um noivado... Vejam!... o luar, o formoso luar de Santa Teresa parece que esperava a deixa! Vamos! (Saem Ludgero e Isabel.) Você também, Pai João! (Sai Pai João. Rodrigo sai por último. Ângelo fica ansioso, ao fundo, com os olhos fitos na porta. Henriqueta aparece no limiar da porta, envolvida num

xale. Procura Ângelo com os olhos e, vendo-o, corre para ele e se lança nos seus braços. Cai o seu xale, deixando ver o seu vestido branco. Ficam ambos muito tempo abraçados.)

## Cena VII

(Ângelo e Henriqueta)

ÂNGELO – Nunca mais, Henriqueta!... Sim?...

HENRIQUETA – Nunca mais!

ÂNGELO – Amemo-nos... e seremos felizes...

HENRIQUETA – Sim, vou ser feliz... muito feliz...

ÂNGELO – Mesmo pobre?

HENRIQUETA – Não! Rica... riquíssima... porque tenho o teu amor... e hei de ter o amor do nosso filho. (Abraçam-se de novo, formando um grupo iluminado pelo luar.)

A VOZ DE PAI JOÃO (Ao longe.) – Pleto-mina quando zeme etc.

(Cai o pano. Lentamente.)

